

CONSELHO  
REGIONAL DE  
PSICOLOGIA  
CRP - 04

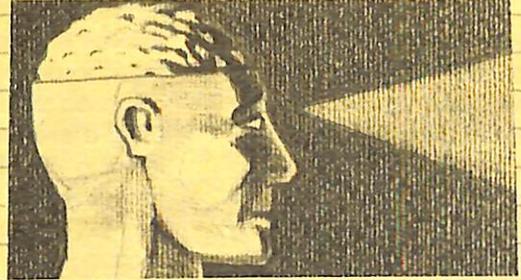


i o r n a l d o  
P S I C Ó L O G O

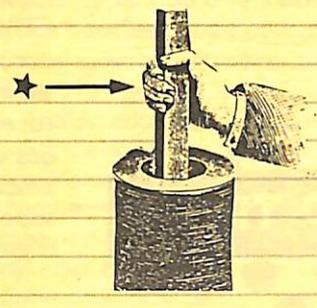
BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 41  
A B R I L / M A I O 1 9 9 3

COF  
CRP 04

Mídia provoca reflexão ética ao anunciar cura para sintomas psíquicos. Página 4.



O aborto sob a ótica e o discurso do Homem. Página 5.



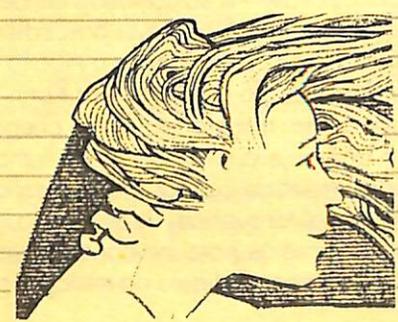
A primeira psicanalista nega o amor materno inato e afirma que para a mãe, o bebê é um objeto sexual. Página 9.



Arte como expressão da cidadania. Página 11.



Suplemento - Nesta edição, duas abordagens sobre a Mulher, esse continente negro.



# Em sintonia com os psicólogos

Logo de início a gestão PSICODIVERSIDADE do CRP-04 se deparou com a necessidade de mudanças administrativas. Aparentemente tal preocupação seria unicamente de âmbito interno. Mas não é bem assim. Qualquer medida meramente burocrática é refletida, por vezes de maneira insatisfatória e desconfortável em toda a categoria.

Sintonizados com a expectativa de nossos colegas e com a filosofia de nosso Conselho Federal, no que diz respeito ao emprego das verbas arrecadadas pela autarquia, temos procurado nos adequar ao indicativo de consumir no máximo 30% de nosso orçamento com despesas da máquina administrativa, de forma que os 70% restantes possam contemplar projetos e ações políticas, no sentido de proporcionar avanços e benefícios palpáveis para a categoria e para toda a sociedade.

Como medidas de ordem prática, efetuamos a reestruturação do quadro administrativo visando, simultaneamente, a racionalização de nossos serviços e o aprimoramento da qualidade do atendimento ao psicólogo. Terceirizando os serviços de cobrança e negociação da dívida ativa, aliviámos a administração do ônus permanente. Ao proceder a cobrança dessa forma, pensamos em reverter este recolhimento de forma integral para um futuro fundo de reserva, visando a aquisição de uma nova sede para o CRP. Tais procedimentos, além de terem sido um compromisso assumido por nós perante assembleia que nos empossou tem também como objetivo a redução de custos, os quais têm nos sido impostos pela inadequação de nossa infra-estrutura.

Outra mudança que se deu em abril, foi da própria diretoria do CRP-04, que apesar de ter hoje uma nova composição, mantém a mesma linha de ação já traçada pelo Plenário, qual seja, a de priorizar a Mobilização e Articulação de nossa categoria em torno do nosso Processo Constituinte.

As discussões do Processo Constituinte têm se dado através de eventos e debates produzidos em torno dos diversos "fazeres" dos psicólogos, e já se detecta um envolvimento cada vez maior dos profissionais da 4ª Região. A estratégia do CRP-04 de promover discussões por área de atuação, visa privilegiar o próprio processo de mobilização dos psicólogos e da sociedade frente à Psicologia para que, através da noção de cidadania, possamos rever nossa forma de inserção na sociedade e o sentido de nossa formação e de nossa praxis.

O objetivo formal de reformulação de nossa legislação e de nossas entidades não deve tornar-se uma "camisa de força" deste processo. Para tanto, teremos até o final de 93 para produzir discussões. A partir daí poderemos formular teses para os Congressos, que reflitam de forma democrática e representativa uma nova identidade profissional e uma nova inserção social dos psicólogos.

## Gestão Psicodiversidade - 7º Plenário

seu fraco (ou forte?). Em alguns momentos essa nova personagem pode se exceder e ficar mais atrevida e irônica que o desejado. Pode também ficar perplexa ou zangada. Mas PSICHÉ é assim mesmo: representa o Processo Constituinte dos Psicólogos e não poupa esforços para chamar a atenção.

O destaque deste número é a Mulher - esse continente negro - tema abordado no suplemento e na apresentação do interessante livro "As Bases do Amor Materno". A sexóloga Rose Marie Muraro, em entrevista exclusiva ao JP, fala também como seria de se esperar, sobre o assunto com um olhar muito peculiar.

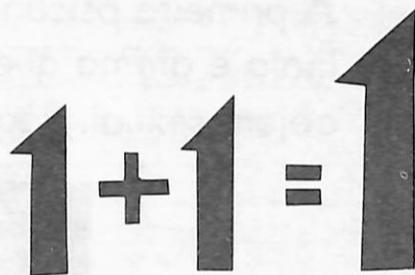
Como o leitor pode notar, esse é um tema fecundo que nos intriga e nos apaixona e tal qual em velho conhecido nosso, nos leva a interrogar: afinal, o que é uma mulher?

**Ricardo F. Moretzsohn**  
Presidente da Câmara de Comunicação Social



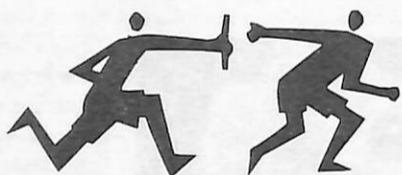
**Roda-dura** - O caderno "Carro etc" do jornal O Globo, de circulação nacional, cometeu uma barbearagem no último dia 14 de abril. Na matéria "Trânsito bate de frente na saúde" foram ouvidos profissionais da saúde de diversas áreas para falar sobre as neurosses e doenças geradas pelo trânsito. Para cada um deles, foi aberto um espaço específico para que pudessem abordar o tema segundo sua especialidade. No entanto, no quadro intitulado "Psicólogo" o único profissional consultado foi um psiquiatra. Um verdadeiro desastre para o leitor, que a estas alturas deve estar acreditando que Psiquiatria e Psicologia são a mesma coisa. E para O Globo, uma dica de trânsito: "na dúvida, não ultrapasse", informe-se.

○ VII Congresso Mineiro de Psiquiatria, realizado em Belo Horizonte no período de 31 de março a 3 de abril foi um marco. E o foi por vários motivos. A começar pela preciosa contribuição de profissionais do país na discussão sobre o fazer profissional (o risco) a exemplo da irreparável conferência de abertura proferida por Jurandir Freire. Perpassando todo o evento, a exposição de trabalhos produzidos nas oficinas de artes plásticas do Instituto Raul Soares e da Central Psíquica de Belo Horizonte, que se destacou especialmente ao falar por si mesma. E pela primeira vez participou da sessão solene de instalação do Congresso a presidente do CRP-04, Mariana de Campos Mendonça, que abordou o Processo Constituinte dos Psicólogos. Não por acaso, entidades representativas de várias categorias profissionais se aproximam, somam esforços para que a sociedade só tenha a ganhar com as diferenças.



A gestão Psicodiversidade do CRP-04 tem agora nova composição da Diretoria. Assume como presidente a conselheira Mariana de Campos Mendonça; como vice, Carus Francisco Traindade M. Guimarães; como tesoureira Zulma Canuto e como secretária, Simone Maria Machado da Silveira. A nova Diretoria continuará espelhando as ações e os posicionamentos do Plenário e as decisões das Assembleias dos Psicólogos.

A gestão Psicodiversidade do CRP-04 não está investindo somente na qualificação profissional dos psicólogos, meta com a qual se comprometeu durante a campanha. O requisito qualidade também está sendo perseguido para os produtos e serviços prestados pela autarquia, atendendo a uma antiga reivindicação da categoria. Para tanto promoveu uma série de mudanças de âmbito administrativo na sede, em Belo Horizonte, e agora estuda novas formas de funcionamento dos Escritórios Setoriais.



Um dos compromissos do Jornal dos Psicólogos com você, leitor, é nunca se repetir e sempre oferecer abordagens e temas novos, diferenciados e até mesmo contraditórios. E é com esta proposta que nesta edição a luta antimanicomial é destacada na pág. 11 com uma exposição de trabalhos artísticos, que integra o projeto Loucurarte. Na pág. 9 Eduardo Gontijo propõe um diálogo a partir do texto de Marcelo Perini, publicado na última edição, e Carlos Drawin volta com mais um de seus artigos que nos instigam e nos remetem à reflexão. Silvia Myssior nos alerta na pág. 4 sobre as fórmulas mágicas patrocinadas pela mídia e o Aborto ao Masculino é o resumo da dissertação de mestrado da professora Karin V. Signay.

Mas este é um número especial: chega uma nova e encantadora personagem que, sujeita a mudanças de humor e circulando livremente pelo jornal, se dá o direito de cutucar o leitor e enfiar o bedelho onde quiser para questionar ou ressaltar questões de âmbito da Psicologia. Seu nome é PSICHÉ - grafado arcaicamente para indicar esta busca radical de nossas origens constitutivas - e tal como a figura da mitologia grega tem a curiosidade como

■ Gostaria que você falasse sobre o que é o livro "A Mulher no Terceiro Milênio" que você lança agora em abril em Belo Horizonte.

● Esse deveria ser um livro sobre a História do Mundo sob a perspectiva da mulher. Quando eu estava terminando de fazê-lo, recebi um relatório da Organização Mundial do Trabalho dizendo que hoje a mulher é 50% da força do trabalho. E o patriarcado é um sistema que começou há oito mil anos quando o homem começa a controlar a sexualidade da mulher e ele fica encarregado de fazer a história do mundo público. Antes a mulher e o homem trabalhavam ao mesmo título e como o homem não podia controlar a sexualidade feminina, ele também cuidava das crianças. Isso começa há 8 mil anos quando os homens (machos) descobrem a técnica de fundir os metais. E é aí que o homem deixa de ser sedentário, passa a se estabelecer para cuidar da terra e aí nascem as primeiras aldeias, as primeiras cidades, os primeiros impérios da antiguidade e por aí a fora. Mas a condição da mulher continua a mesma: em casa, cuidando dos filhos, reprimida sexualmente, erotizando a sua submissão porque ela é economicamente dependente do homem, psicologicamente submissa. De certa maneira elas santificam a submissão. Até meados do século XX começa a ser assim na sociedade de consumo. Com o avanço da tecnologia, se produzem mais máquinas que machos e a partir daí elas começam, entram no mercado de trabalho. E agora, a mulher se torna 50% da força de trabalho e fecha o ciclo patriarcal. É uma coisa de poucas gerações porque a medida que o homem e a mulher passam a cuidar juntos da criança, toda estrutura psíquica que o Freud estudou, o processo edípico, isso tudo muda. O que faço no "A Mulher no Terceiro Milênio" é mostrar o mundo sob a perspectiva da mulher e as perspectivas do novo ciclo, pós patriarcado.

## ENTRE VISTA

**Rose Marie Muraro é formada em Física mas há tempos deixou de lado as teorias de Einstein para se dedicar ao universo feminino. De 1966 até agora já publicou sete livros. Um deles foi proibido pelo regime militar de 64 e o outro, pelo Vaticano. Parece ter o hábito de provocar polêmicas com suas teorias, opiniões e até mesmo certezas. É o que você vai encontrar nesta entrevista. Aqui ela comete a ousadia de dizer que destrói uma teoria de Freud e de quebra, torce o nariz para Lacan.**



■ Esta sua constatação do fim do patriarcado é baseada no desejo da mulher?

● Nada. De jeito nenhum. Tudo é fundamentado no econômico. É o econômico que fabrica os corpos, que fabrica a sexualidade e o próprio inconsciente. Se o inconsciente é dado, o imaginário é fabricado; se o organismo é dado, o corpo é fabricado; se os órgãos sexuais são dados, a sexualidade e a libido são fabricados. Na medida que tecnologia avança e a mulher começa um novo ciclo produtivo que ela não exercia há 8 mil anos, ela muda toda a libido, toda a estrutura psíquica da mulher, do homem, do casamento, da família e da criança. E eu chego a dizer neste livro - tenho certeza - que os filhos da mulher e do homem novos são os únicos seres humanos menos competitivos, como era nas sociedades primitivas, capazes de reverter o processo de destruição da espécie que está em evolução por causa da competição masculina, machista, que ela não participou. Quando a mulher entra como um povo, com sua força de trabalho para a história - hoje é normal ter primeiras-ministras - é exatamente no momento em que o planeta terra está ameaçado e a espécie humana também.

■ E com o fim do patriarcado, qual vai ser este novo lugar da mulher?

● O novo lugar da mulher é o lugar primitivo. Um dos fatores que caracterizam o fim do patriarcado é que o homem não consegue mais controlar a sexualidade feminina. No momento em que existe a pílula e em que ela é responsável por sua própria subsistência, ela passa a ter o controle de sua própria sexualidade como no mundo primitivo, quando o homem não sabia qual era o papel dele na gestação. Aqui é por outro motivo. Ela produz sua subsistência porque ela não precisa do dinheiro do homem. Nunca houve tanto divórcio e tanta recomposição familiar de vários tipos como agora. O lugar da mulher de agora é igual ao da mulher do mundo primitivo: ao lado do homem, e não submissa a ele. É o que eu trato neste livro com as 1.500 pesquisas que existem no ponto de vista sociológico, antropológico e psicológico.

■ O que há em comum entre a mulher das sociedades primitivas até a mulher atual? Tem algo em comum?

● Tem. Até os anos 50 a mulher tinha que sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido e elas eram punidas com a morte se elas transgredissem a ordem. Nos anos 70 você tem, na mesma mulher, a transgressão total desta ordem porque ela começa a fazer sexo antes do casamento e a trabalhar por si própria. Então na mesma mulher dos anos 70 se rompem os dois pilares do patriarcado, da submissão feminina, que são a não participação no mercado de trabalho e o tabu da virgindade, que são rompidos hoje. Em nível de espécie, é rapidíssimo. Eu sou do tempo em que as mulheres que não casassem virgens com 21 anos eram solteironas,

anos 50. E hoje os casadouros são os homens, eles estão atrás das mães. A mulher não. Ela está atrás do mundo produtivo.

■ É disso que a mulher está atrás hoje?

● É. Ela está atrás do seu lugar no mundo produtivo de maneira autônoma. Se você define a identidade masculina com a busca de uma autonomia, de um ego autônomo, independente de outros, você sabe para onde vai, para onde vem, isso tem muito a ver com o processo edípico em que o homem se identifica sexualmente na solidão por causa da castração; a mulher está em busca também de sua identidade autônoma e não reflexa como os povos dominados, como os negros. Isso é fato do fim do milênio. Se o negro se via com os olhos do branco, as mulheres se viam com os olhos do homem e o pobre com os olhos do rico. Isso tudo está sendo transgredido nesse fim de século.

■ Em seu livro você derruba alguns mitos como a supremacia do macho na vida animal ou aquela história dos homens das cavernas que puxavam as mulheres pelos cabelos. Qual a participação das mulheres na construção desses mitos e quais são seus ganhos ao ajudar a construí-los?

● É muito complicado você generalizar sobre o mundo primitivo. Cada cultura era uma cultura. E nas culturas em que o homem não tinha poder sobre a sexualidade feminina, realmente o homem não carregava as mulheres pelos cabelos, porque era através da linhagem da mulher que se transmitia o "poder", a "herança", porque o homem era elemento marginal. A solidariedade e a partilha eram as leis do mundo em que a mulher tinha predominância e não poder. O poder era um serviço, era uma coisa chata, havia rodízio de liderança e como a mulher não tinha força, ela tinha que resolver tudo pelo consenso, de baixo para cima, que é o que está querendo acontecer hoje. Aí não havia o marido. O homem só começou a carregar a mulher pelos cabelos nas sociedades de caça mais cruéis. Os Yanomamis, por exemplo: suas mulheres são as mais vitimizadas do mundo. Mas mesmo até hoje ainda têm culturas de caça que a mulher tem muito poder porque o homem não pode controlar a sexualidade feminina. No que o homem não controla a sexualidade feminina, ele não a puxa pelos cabelos. E o mito da Origem primitiva de Freud que eu questiono e destruo em meu livro "Os seis meses em que fui homem", é uma fantasia patriarcal do início dos tempos. O que houve era a mãe primária, era a deusa que hoje está sendo redescoberta nos fins dos séculos pelas antropólogas feministas, psicólogas... Se descobriu que durante 1,5 milhão de anos era a deusa só, era a deusa terra que era santificada, paria tudo sozinha. Depois, na medida em que o homem foi conquistando a primazia é que vieram outras cosmogonias. O Joseph Campbell é ótimo. Ele tem um livro, "Máscaras de Deus", em que ele vê quatro tipos de cosmogonias. A antiga é a da deusa, que é quase toda a história da humanidade. Depois vem até os tempos dos gregos, que Geia é a primeira deusa e, logo depois, é que vem um deus, o macho, que toma o poder da deusa mãe. E já começa o patriarcado. E em seguida é um casal ou um ser andrógono cria o mundo, como por exemplo é o Yin Yang da China. E a quarta é quando um deus macho cria o homem e a mulher sozinho, é fiel ao cristianismo, que é a santificação do patriarcado. Inclusive o primeiro homem pare a primeira mulher e desqualifica o parto que era o poder que a mulher tinha em relação ao homem.

■ Tinha?

● Tinha. Não. A partir daí, pelo fato de parir ela é maldita duas vezes. É o fato de parir que a torna submissa. É a vingança do macho de 1,5 milhão de anos e isso está sendo superado só hoje. São essas forças dialéticas da história mesmo. Primeiro era a mulher; depois eram os dois, depois o homem, agora volta a ser os dois novamente. Duvido que a mulher volte a ser predominante porque a medida em que a ciência avança, que é o fruto mais importante do patriarcado, cada um dos dois tem uma identidade autônoma.

■ Mas tem aquela história: não existe opressor sem oprimido, torturador sem torturado... e a mulher...

● Sim, a mulher é cúmplice de sua submissão.

■ Então qual é o ganho dessa mulher com esta submissão de 8 mil anos?

● Só tem 8 mil anos. Ela é recente na história da humanidade.

■ Mas para nossa história, 8 mil anos é muito. E qual o ganho da mulher com essa política da submissão? Mesmo sendo autônoma financeiramente...

● A política da submissão só é boa para as mulheres da classe dominante, que são seres privilegiadíssimos que tiram tudo da sociedade, são parasitas, e não dão nada em troca. A política da submissão é a dupla jornada da mulher da classe operária e camponesa de 8 mil anos. Elas não têm ganho nenhum na submissão. Só a mulher do homem rico. É uma coisa terrível. Quando eu fiz um estudo sobre a sexualidade, que eu descobri a relação entre o psicológico e o econômico, uma operária me dizia: "eu vou fazer aborto sim porque eu tenho dois filhos, trabalho, ajudo meu marido, ando em pé na condução durante duas horas, fico oito horas na máquina e quando eu chego, meu marido pega o jornal e diz que sou eu que tenho que fazer o trabalho da casa porque sou mulher". É este o ganho da sociedade patriarcal: "vou fazer aborto sim".

■ Você estava falando que a conquista do mercado de trabalho e ser dona da própria sexualidade seriam dois passos para o fim do patriarcado. Existe concretamente este desejo por parte da mulher ou...

(continua na página 4)

● A mulher é objeto do desejo do outro?... Ai que saco, isso é Lacan.

■ Não é essa a pergunta. E na verdade, para Lacan a Mulher nem existe...

● É, para ele, só existe a mãe, que é a mulher que existe na cabeça do homem...

■ Mas o que eu quero saber é que se a mulher hoje, mesmo tendo autonomia financeira e sendo dona de sua própria sexualidade se, até por uma questão cultural, ela ainda assim não se submete, continua atuando de maneira submissa.

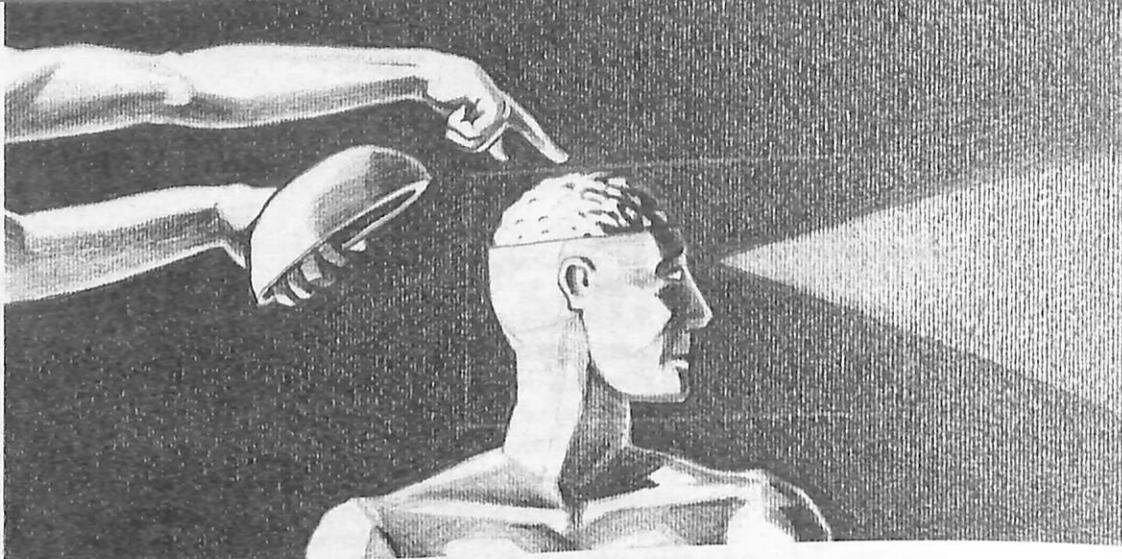
● Eu vi isso nas fases de transição. Eu vi no nordeste muita profissional liberal sustentando vagabundo ou apanhando de marido, dando dinheiro. Eu vi esta fase nos anos 60, logo no começo. Mas nos anos 70 ela se revolta a sustentar o homem que é a fase do feminismo. E numa terceira fase, o novo homem está totalmente perdido e se repensa. E numa quarta fase você tem um tipo de homem e mulher diferente pós-patriarcais.

■ Eu queria que você falasse exatamente deste momento agora, com sua constatação do fim do patriarcado.

● É o fim para o Primeiro Mundo, para o Rio e São Paulo sim, mas no campesinato... Isso não vem assim. A mulher trabalha e apanha do marido, a camponesa dá o dinheiro todinho na mão do marido. Então isso tem a ver também com uma revolução a nível econômico que já está havendo... Há organizações camponesas... populares... as ligas camponesas que deram origem ao golpe militar... Agora já não é mais possível fazer nada de cima para baixo porque o povo tem um nível de organização muito maior. É esse nível de organização que está mudando a cabeça da mulher também. Não adianta você ter só problema psicológico. Se não vem o econômico, ele não pega no Terceiro Mundo... as mulheres infibuladas no Islã...

■ Qual o lugar dessas mulheres do Primeiro Mundo, do Rio ou São Paulo com a entrada desse milênio? Em seu livro você aponta um lugar especial para a mulher para ajudar a reconstruir o planeta.

Na medida em que os homens tomaram o poder, eles começaram a brigar por território, eles começaram a brigar por comida; ficou a competição, a lei do mais forte que foi santificada pelo gêneses, pelo deus patriarca. E é essa competição que está destruindo a espécie. O homem fez isso. A mulher continua arcaica. Se você não é solidária e partilhadora, o bebê não dura um mês. Então tem que ter seres solidários. E a mulher ficou no locus da solidariedade e da partilha. Mostro em meu livro "Uma voz diferente" como o patriarcado carimba o homem para a competição por causa da castração, desse medo que ele tem do pai por causa da castração, e ele sublima. Ele tem a hegemonia da mente sobre o corpo, do homem sobre a mulher... é o platonismo. A mulher não tem essa castração, ela já vem castrada. Ela não tem essa ameaça de morte, ela continua solidária como antigamente. Se o homem, no triângulo Edípico, na ponta do triângulo, ele corta relação com a mãe porque corta a relação com o pai, ele define sua identidade na autonomia, e a partir daí ele não ama mais porque ele cinde a sexualidade do afeto. A mulher não. Quando ela está na base do triângulo edípico ela não corta a relação com a mãe porque não tem ameaça de morte e ela ainda ganha a relação com o pai. Para o homem, o amor que salva é o amor de si, ele pode competir sem culpa. Para a mulher, o amor que salva é o amor do outro, pois se ela não ama o outro ela perde a mãe e o pai. São duas formações psíquicas antagônicas. A mulher tem uma missão impossível de ser feita pelo homem que é trazer aqueles valores da solidariedade e da partilha que se transformam naqueles valores primitivos de liderança, de poder público e de serviço que só podem vir pelas mãos da mulher. Na medida em que o homem também é ganho para solidariedade, nossos filhos, nossos netos é que não vão ter mais essa supersublimação do processo edípico do Freud porque vão ter outra cabeça.



# Cura-se um sintoma?

Silvia Greber Myssior

Efetivamente, é a mídia uma formadora de opinião.

E ultimamente, com muita frequência, temos sido bombardeados com a propaganda de curas de sintomas psíquicos, tais como: fobias, problemas sexuais, inibições, angústias etc. Propostas de soluções rápidas e infalíveis para o mal-estar que, intrinsecamente, acompanha o sujeito desde que o mundo é mundo.

Veiculadas pela TV, jornais, livros de fácil leitura e vendagem, estas propostas advêm de certos saberes que, não se contentando em prometer a "cura" dos males do psiquismo, ainda acenam com promessas de sucesso, dinheiro, poder. Enfim, com todo o êxito que alguém poderia almejar. A explicação é tão simplória quanto a verve dos carismáticos: livram-nos do sintoma e seguimos, felizes, pela vida afora.

O problema é que, de fato, essas ditas "curas", por vezes acontecem, já que as fantasias dos seres humanos, quando aportam no cais da fé, da crença ou da fascinação a um saber absoluto, podem até mesmo parecer um progresso em direção à saúde, mas que, no entanto, não estão distantes de um funcionamento perverso. E certas fantasias perversas, postas em prática, são mesmo mais poderosas que a realidade, pois que a modificam. É então que a percepção da realidade pode vacilar, ou se revelar enganosa, dando ensejo a acontecimentos marginais, fora da lei.

A psicanálise não pode deixar de se manifestar criticamente no que se refere a essas "curas", nem deixar de olhá-las com suspeição. Pela sua clínica, o psicanalista pode ter a certeza de que tais "desaparecimentos" dos sintomas são fictícios, pois que o sintoma precocemente "desaparecido" vai alojar-se em outro lugar se o sujeito não modificou sua posição subjetiva frente a ele.

O psicanalista lida com a questão do sintoma de outra maneira: se faz atento, cuidadoso, pois entende que o sintoma é aquilo que a pessoa tem de mais real. Abstém-se de dar a ele uma significação, para não fechar a possibilidade de um trabalho de elaboração sobre o dizer do paciente sobre seu sintoma, que toca às suas fantasias; estas, que são causa e matéria-prima da identidade do sujeito.

No que concerne à psicanálise, não é da supressão do sintoma que se trata, mas da construção da fantasia fundamental que rege toda a vida do sujeito. Sujeito do inconsciente. Eticamente, o analista não se remete ao efeito, mas à causa, ou seja, a uma mutação de valor

que o sintoma vai sofrendo no percurso do tratamento, e que, sobretudo, não seja um mero deslocamento. O dever do analista também tem relação com os sintomas, mas é necessário um percurso através da fantasia. A elaboração da fantasia é que conterà, em si, a interpretação do sintoma.

Esta elaboração da fantasia exporá então, sua função de um gozo perverso, a ser modulada. Operar na realidade com esse gozo sem modulação é perder de vista o desejo. É suscitar uma euforia exacerbada, angústia ou depressão, que nada mais fazem do que ocultar a perspectiva da castração: única saída possível para lidar com o mal-estar do ser humano na civilização.

Portanto, não é para a realização de um ideal que a psicanálise trabalha; ela não está comprometida com o sucesso nem com as utopias de felicidade, mas sim, com o que é possível, ao que é permitido ao sujeito realizar em relação ao seu desejo, de acordo com o que está na sua origem. Realizar, parcialmente, algo de sua fantasia, mediado pelo desejo.

Assim, o sintoma psíquico (que não se exclui que apareça no corpo), é expressão de desejo. Fruto de longas e sérias pesquisas que ainda hoje continuam em marcha na psicanálise, não é qualquer coisa. É questão altamente complexa, pautada por rigorosa concepção ética, para que seja tratada e/ou praticada de maneira banal por alguns que, não se sabe lá porque, ou de onde, promovem, levemente, suas "curas" em programações de fim de semana.

Rerência:  
POMMIER, G. "O desenlace de uma análise".  
Zahar Editora.

**A autora é psicanalista, membro do Simpósio do Campo Freudiano. BH-MG**



"SERÁ QUE O PSICÓLOGO PODE PROMETER A CURA?"

# O aborto ao masculino

## Uma dissertação sobre a experiência dos parceiros

Karin Ellen V. Simigay

Esta comunicação pretende apresentar breve notícia sobre uma dissertação de mestrado em Psicologia, defendida em 8 de março de 1993 na Fafich-UFMG, intitulada "Paternidade negada - uma contribuição ao estudo do aborto provocado", orientado pela professora Elizabeth de Melo Bonfim e apoiada pela Fundação Carlos Chagas e PRPq - UFMG.

Falar de aborto é falar de dor e alívio, de sofrimento e solidão; é se defrontar com a falta. É desorganização e reorganização. Embora a cultura, a tecnologia e a ciência avancem, milhares de mulheres e homens continuam abortando. Por que? Falta de informação suficiente sobre contracepção e dificuldade de acesso a um amplo leque de contraceptivos explicam, em grande parte, o fenômeno, que é, a nosso ver, um problema de saúde pública. Mas foi possível constatar, ao longo de ampla revisão da literatura sobre aborto, que uma parcela da população, ainda que tenha recursos e acesso aos métodos e práticas contraceptivas, continuam engravidando e abortando.

Os psicólogos são, então, convidados a se envolver com a questão do aborto. A busca de respostas mais precisas devem levar em conta não só uma problemática conjuntural, mas também os problemas psicossociais envolvidos. Assim, o tema faz questões à nossa área de investigação.

Trabalhos sobre aborto pretendem contribuir com novos conhecimentos e fazer com que as pessoas se interessem por esse drama que continua sendo "um problema de mulher". Então, por que falar de homens que abortam?

Homens são aliados de algumas dimensões dessa experiência porque "representam" a contracepção, a gravidez e o aborto no corpo do outro, da mulher. Poderia ser diferente? Em parte, sim. Na pesquisa bibliográfica encontro estudos antropológicos mostrando que em outras culturas homens representam a parceira como mera portadora do embrião; são eles que enunciam a gravidez e alimentam, com seu espermatozoide, a criança engendrada. "Vivem" a gravidez, o parto e o resguardo. Estas pesquisas nos obrigam a repensar as afirmações universais que, nós, psicólogos, às vezes sustentamos.

Assim, a dissertação se organiza em duas partes: uma revisão da literatura no que concerne à proble-

mática do aborto masculino e uma pesquisa de campo extensiva e qualitativa, trabalhado com alguns homens que "abortaram". Realizo entrevistas de modo a obter alguns indicadores sobre o processo de experimentação de um aborto provocado. Por se tratar de tema inédito no país, opto por uma pesquisa exploratória e uso a técnica de entrevista que procura reconstituir a história de vida em relação ao aborto: entrevistas abertas, semi estruturadas, baseadas no princípio da associação livre.

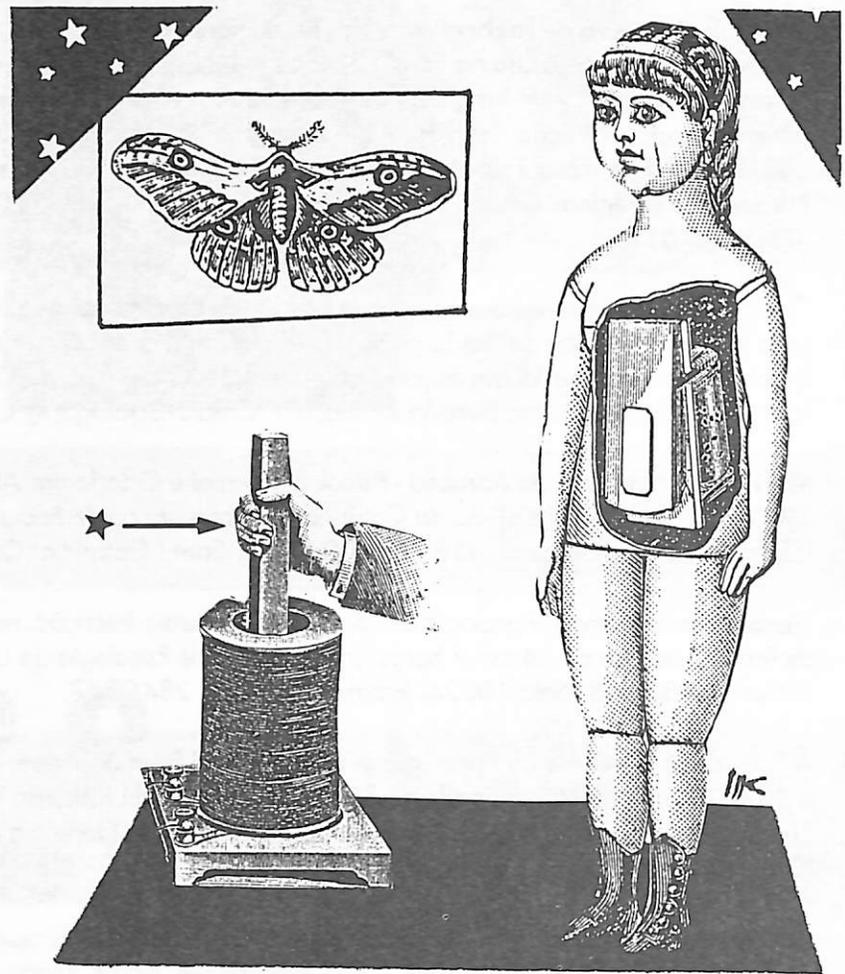
Diante da ilegalidade do aborto e consequente clandestinidade de sua prática, homens que abortam constituem categoria contingente invisível. O elemento comum entre eles é a experiência do aborto, passível de ser analisada. O material produzido sofre depois um trabalho de sucessivas leituras e recortes, e os discursos e a literatura revista são reorganizados, sofrendo uma análise temática.

Um dos resultados que encontro é que os homens entrevistados se mostram sensíveis para com esse drama feminino. Chegam dizendo que são atores secundários, mas que gostariam de contracenar nos papéis principais. Que têm a dizer sobre esse "assunto de mulher".

Desde as defesas de tese de E. Stefani (1988) e R. Digiovanni (1983), sociólogas, os únicos trabalhos acadêmicos enfocando a vivência das mulheres, vinha me perguntando como seria a experiência para um homem. É um acontecimento que se dá a partir de uma relação homem/mulher. E é atravessado por uma outra relação, homem/filho. lendo os trabalhos de pesquisadores e feministas me perguntava: onde fica o parceiro nesses discursos? Mesmo ausente e se omitindo ele está lá, na fala das mulheres. Falados pela mulher. Então o que pretendi foi dar voz a eles, os parceiros.

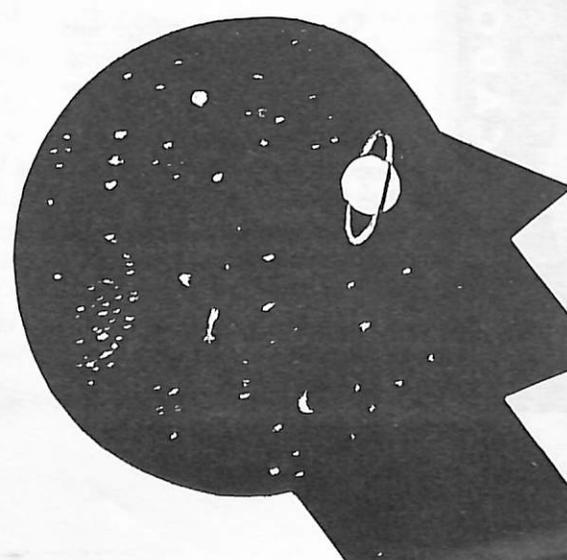
O que se fez possível ao longo da dissertação foi um trabalho de escuta e transformação. Ao mesmo tempo ouvinte e narradora, procurei dar existência escritural às falas: àquelas que eu mesma ouvi, durante longas e emocionadas entrevistas e àquelas que se fizeram faladas na escritura de outros pesquisadores.

Penso que o aborto é uma ferida aberta na cultura: sangue, suor e lágrimas são diariamente vertidos sem que saibamos exatamente sua dimensão. Essa dissertação vem como uma contribuição ao debate que urge ser amplamente realizado.



**Karin Ellen von Smigay é mestre em Psicologia Social e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Os contatos com a autora podem ser feitos pelo telefone 448-5021 (UFMG) e 227-8133 (resid.) O CRP-04 dispõe de cópia da dissertação para consulta ou reprodução do material.**

UNIVERSIDADE



No período de 24 a 27 de maio o Centro de Convenções do Minascentro, em Belo Horizonte, vai sediar um evento triplo: V Congresso Brasileiro de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), I Congresso da Associação Brasileira de Adolescência (Asbra) e III Encontro do Comitê de Adolescência na Associação Latino-Americana de Pediatria (Alape). A programação é multidisciplinar, com a participação de personalidades do Brasil e do mundo. Informações e inscrições: Departamento de Organização de Congresso da AMMG - Av. João Pinheiro, 161, Centro. Fone: (031) 273-5788 - Fax: (031) 273-1540 - CEP 30130-180, Belo Horizonte, MG.

Acontece no período de 24 a 26 de setembro o 1º Congresso de Psicanálise de Juiz de Fora, que discutirá o tema "Sexualidade e Morte". Inscrições: avenida Rio Branco, 2403 Casa 9, em Juiz de Fora. Tel.: (032) 212-3773. Prazo limite para inscrição de trabalhos: 30 de maio de 1993. Prazo limite para recebimento dos trabalhos: 16 de agosto de 1993.

O Círculo Brasileiro de Psicanálise promove, no período de 25 a 27 de junho, a Jornada Centro-Sul de Psicanálise, a ser realizado na Escola Sindical 7 de Outubro, no Barreiro de Cima, em Belo Horizonte. O tema do evento vai ser livre, mas os trabalhos vão ser agrupados nas seguintes áreas: Teoria; Clínica (fórum clínico); Instituição, Transmissão e Formação; Psicanálise em Crianças. A taxa de inscrição é de US\$19 até 20 de maio. Passado este prazo, sobe para US\$23. Secretaria Executiva: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - rua Pirapetinga, 322/504 - Serra - 30220-150, Belo Horizonte-MG. Tel.: (031) 223-6115.

Com o objetivo de apresentar uma visão atualizada da terapia cognitivo-comportamental e de proporcionar uma troca entre profissionais de vários países, a ABPMC está promovendo o I Encontro Internacional de Terapia Cognitivo-Comportamental que acontece nos dias 12 e 13 de junho de 1993 no Hotel Novo Mundo, no Rio de Janeiro. Para saber mais: rua Elvira Machado, nº 7, Casa 3 - Botafogo, RJ - CEP 22280-06. Tel.: (021) 295-3796.

VII Encontro Nacional da Abrapso - Psicologia Social e Cidadania. Acontece de 9 a 12 de junho de 1993 na Univale, em Itajaí, Santa Catarina. Está prevista conferência com Jurandir Freire, a confirmar. Informações: rua Uruguai, 458 - 88300, Itajaí, Santa Catarina, Caixa Postal 360.

Mestrado em Psicologia - Psicologia e Práticas Sócio-Culturais. Inscrição: no período de 3 a 28 de maio de 1993, de 9 às 12 horas e de 14 às 17 horas. Local: Instituto de Psicologia da UERJ - Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar - Bloco B - Sala 10024. Informações: (021) 284-0347.

A Sociedade Brasileira de Psicologia promove a XXIII Reunião Anual de Psicologia que acontece de 25 a 30 de outubro na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto. O tema central é "Adolescência: o futuro em crise?" Para fazer contato: rua Florêncio de Abreu, 681 - sala 1105. Tel. (016) 625-9366 - Fax: (016) 636-8206 - CEP 14015-060 - Ribeirão Preto (SP).

O 2º Congresso Brasileiro de Psicoterapia Junguiana discute a Psicoterapia Junguiana no limiar do ano 2000 no período de 3 a 6 de junho de 1993. Local: Espaço Livre, rua Dr. Diogo de Faria, 561, São Paulo. Inscrições: Central de Atendimento - Tel.: (011) 215-3268. A proposta é abordar a formação do psicoterapeuta, bem-estar da pessoa e comunitária, ética na psicoterapia junguiana, educação das crianças de rua, da Psicologia feminina, da ecologia e outras questões.

O V Encontro dos Psicólogos da Área Hospitalar acontece no período de 22 a 25 de agosto próximo na Pousada do Rio Quente, em Caldas Novas, GO. No evento conferencistas nacionais e internacionais estarão discutindo o tema central "O psicólogo e a saúde no século XXI - atuações, técnicas e pesquisas". Para saber mais entre em contato: Script Assessoria, Eventos e Pesquisa Ltda. - Rua 84-A, nº 133 - S. Sul 74080-410, Goiânia, GO. Tel.: (062) 224-1749 e Telefax: (062) 223-2536.

Dando prosseguimento ao I Congresso Brasileiro de Psicologia da Comunidade e Trabalho Social, será realizado nos dias 29 e 30 de maio próximo o I Encontro Mineiro de Trabalho Comunitário e Social na Câmara Municipal de Belo Horizonte, com a participação de Dom Mauro Moreli, bispo de Nova Iguaçu. O Encontro Mineiro pretende reunir pessoas que exerçam atividades comunitárias e sociais para a troca de experiências e preparação para o II Congresso Brasileiro que acontece em Porto Alegre (RS) em novembro deste ano, com a temática "Ética, Cultura e Cidadania". Informações: rua Espírito Santo, 1059 - 12º andar - 30160-031, Belo Horizonte (MG), aos cuidados de Wilson ou pelos telefones (031) 226-6445 e 224-9031.

# AIDS, por que comigo?

Logo que apareceu, a doença foi considerada um castigo dos céus para aqueles que infringiam algumas normas da terra. Passados alguns anos, a AIDS alcançou todos os grupos e, assim deixou de ser considerada uma ameaça restrita aos homossexuais, usuários de drogas injetáveis ou pessoas que se submetiam à transfusões sanguíneas. Descobriu-se finalmente, que não havia o chamado grupo de risco. É o que tem mostrado o projeto "AIDS, por que comigo", criado em São Paulo por Roberto Vignati e estendido à Belo Horizonte, onde é coordenado pela psicóloga Rogéria Freire e pelo produtor Luiz Hippert.

Trata-se de uma abordagem cênica - teatro e vídeo - para informação sobre a AIDS. Em cinco quadros, atores profissionais dirigidos por Vignati se revezam em diferentes histórias e situações que abordam o preconceito, métodos de prevenção, a solidariedade. O primeiro deles é sobre um adolescente que descobre ter contraído o vírus através de uma droga injetável e conversa com sua mãe sobre o assunto. O segundo momento é sobre um marido que ainda acredita que a AIDS é restrita aos homossexuais e, com suas relações extra-conjugais, acaba contaminando a esposa grávida.

O terceiro quadro mostra a discriminação sofrida por um jovem que contraiu a doença através de transfusão sanguínea. A quarta história apresenta uma adolescente que, mesmo desejando seu atual parceiro, sugere se afastar dele por ter contraído o vírus de um antigo namorado. E por fim, uma homenagem aos artistas num quadro que mostra a alegria de viver de um ator já em fase terminal. Todos estes quadros são intercalados com depoimentos em vídeo.

Esta abordagem cênica foi constituída em caráter itinerante. Ou seja, pode ser levada a escolas, empresas, fábricas, associações comunitárias de qualquer Estado do país. Para fazer contato é só discar: (031) 467.5847.

## PSICOLOGIA POSSÍVEIS OLHARES OUTROS FAZERES

- Uma obra plural sobre a Psicologia
- Um convite ao confronto de idéias, olhares e fazeres
- Uma publicação do CRP-04

À venda em Belo Horizonte:

- Centro Cultural Casa do Psicólogo
  - Liber Vinhos e Livros
  - Livraria Belas Artes
- e no CRP-04 com desconto de 30%, válido também para os Escritórios Setoriais do Espírito Santo e de Minas Gerais.

• **Jornal do Psicólogo** está reservando um espaço para você, psicólogo inscrito no CRP-04, anunciar gratuitamente oferta de consultórios, sublocação etc, exceto para divulgação de seu trabalho. Para incluir anúncio nesta coluna basta enviar um texto de duas linhas datilografadas de 72 toques ao CRP-04. Este espaço está aberto a todos os profissionais de Minas e do Espírito Santo.

• Subloca consultório de Psicologia - rua Tomé de Souza, 503/706, Savassi. Contato com Alexandra: (031) 221-3166 ou 385-1297.

• Subloca-se horário em consultório de Psicologia à rua Mato Grosso, no Santo Agostinho. Contatos com Regina pelo tel.: (031) 275-1787.

• Subloca-se consultório de Psicologia à rua Rodrigues Caldas, 670/705, bairro Santo Agostinho. Tratar com Livia ou Catarina no local, de segunda a sexta, no horário de 8 às 21 horas: (031) 446-2662.

• Subloca-se horário - Av. Cristóvão Colombo, 519/1303. Falar com Patrícia (031) 223-1859 ou 227-1360.

• Subloca horários pela manhã. Consultório próprio no Santo Agostinho. Sala mobiliada e decorada em prédio novo e ótima localização. Tratar com Sáska (031) 468-9121.

• Subloca consultório ou divido com duas pessoas à rua da Bahia com Timbiras (próximo à igreja de Lourdes). Tratar com Ariadne: (031) 225-7918 na parte da manhã.

A autora é membro titular da SBPRJ (Soc. Bras. de Psicanálise do Rio de Janeiro), da SIHPP (Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise) e assina o livro "As bases do amor materno", lançado pela editora Escuta, junto com Teresa Pinheiro e Margarete Hilferding. Nesta página, Helena Besserman Vianna apresenta pesquisa referente à (re)construção do texto e contexto da primeira mulher admitida como membro da Sociedade Psicanalítica - Viena, 1910.

# A primeira psicanalista e o amor materno

Helena Besserman Vianna

O livro "As Bases do Amor Materno" reúne três ensaios escritos por três mulheres que têm como ponto em comum a psicanálise.

Pesquisando a história da instituição psicanalítica no Rio de Janeiro, busquei encontrar suas raízes mais arcaicas na institucionalização da psicanálise nos tempos de Freud. Na leitura das Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, encontrei-me com Margarete Hilferding, primeira mulher a participar das famosas reuniões que se realizavam em Viena, em torno de Sigmund Freud. A conferência proferida por Margarete Hilferding sobre "As bases do amor materno", estimulou-me a conhecer sobre sua vida e sua aceitação como Membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Convidei Teresa Pinheiro para escrever sobre o texto da conferência de Margarete Hilferding, enquanto eu, mesmo sem ser historiadora, iria dedicar-me à pesquisa de dados biográficos e reconstrução da época.

No final do verão de 1871, terça-feira, 20 de junho, nascia em Viena, Margarete Honigsberg. Em dia desconhecido, provavelmente no ano de 1942, aos 71 anos, morria em Theresienstadt, campo de concentração

nazista. Entre Viena, 1871, e Theresienstadt, 1942, entre seu nascimento, filha de pais judeus austríacos e seu desaparecimento, Margarete sofreu influências e conviveu com relações e contradições sociais, que permitem individualizá-la na dignidade de seu itinerário de mulher, esposa, militante socialista, médica e psicanalista pioneira. Todas estas etapas foram marcadas por muita luta e desafios, que buscamos mostrar, descrevendo sua infância, adolescência, estudos de Medicina e Filosofia, até sua aceitação como Membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, o que não foi fácil nem sem contratempos.

O nome da dra. Margarete Hilferding aparece pela primeira vez nas Atas da Sociedade de Viena, como convidada para a reunião realizada em 12 de outubro de 1909, que festejava o oitavo ano de existência do grupo das quartas-feiras, em torno de Freud. Entretanto, na lista dos presentes à reunião e dos que não puderam comparecer, seu nome é omitido. Como entender esta omissão? Que dizer da ausência de um nome - insignificante talvez - mas que irá demarcar uma insignificância importante, pois instaura a ausência justamente do que buscavam aqueles homens dedicados a entender a alma humana, os meandros e

segredos da sexualidade - a mulher? Em 6 de abril de 1910, Federn formaliza o convite para a aceitação de Margarete Hilferding como Membro da Sociedade. Silêncio total. Em 14 de abril de 1910, em reunião em que estavam presentes os pioneiros da psicanálise em Viena, Federn retoma a solicitação de que Margarete seja aceita como Membro da Sociedade. Durante a discussão sobre a possibilidade de admissão da dra. Hilferding, Sadger declara-se contrário, em princípio, à admissão de mulheres em sociedade psicanalítica. Adler replica colocando-se a favor da admissão de "mulheres médicas, ou de mulheres que estejam seriamente interessadas na psicanálise e que queiram colaborar conosco". Freud pede a palavra e diz que tomaria como "grosseira e contradição se, por princípio, não se aceitasse mulheres na Sociedade". Realizada uma votação, o resultado é de 11 votos a favor da admissão de mulheres e três votos contra. Só em 27 de abril de 1910, a dra. Hilferding foi aceita, e assim mesmo com 12 votos favoráveis, em assembléia constituída por 14 votantes, todos homens.

Em 11 de janeiro de 1911, dra. Margarete Hilferding apresenta seu trabalho, intitulado "As Bases do Amor Materno". A autora sugere como

questão a integração dos dados fornecidos pela observação no que se refere aos fatores fisiológicos pertinentes ao surgimento do "amor materno" e os fatores emocionais no que concerne aos conceitos psicanalíticos.

Margarete Hilferding apresenta então aspectos absolutamente originais de suas observações para dizer que não há amor materno inato, e que o bebê representa para a mãe um objeto sexual natural. Pensa que deve realmente existir entre mãe e bebê certo relacionamento sexual que pode até prosseguir se desenvolvendo e adquirir variados matizes. A conferência de dra. Hilferding e os interessantes e curiosos apêndices oferecidos pelos presentes, inclusive Freud, constituem a segunda parte do livro.

A terceira parte, que se constitui de comentários mais atualizados sobre as idéias de Margarete Hilferding, é escrita por Teresa Pinheiro que nos diz: "... A conferência de Margarete Hilferding de 11 de janeiro de 1911, além da curiosidade que suscita, por ser o primeiro trabalho psicanalítico realizado por uma mulher, consegue em poucas linhas reunir temas espinhosos para a Psicanálise até os dias de hoje. A escolha do tema e sua abordagem demonstram, de maneira surpreendente, não só a ousadia da autora, como também o quanto ela estava avançada para seu tempo. Questões como a Psicanálise e a Ordem da Natureza são colocadas de imediato, mesmo que indiretamente; o conceito de pulsão de morte, postulado por Freud somente em 1920, encontra-se facilmente depreendido; assim como a tentativa de construção de uma metapsicologia da grávida". Tendo como referencial a conferência de Margarete Hilferding, Teresa Pinheiro desenvolve seus comentários em função dos aspectos mais fundamentais e originais, a saber: o amor materno e a Psicanálise; o bebê - objeto sexual da mãe; a pulsão de morte; e a separação.



No que depender do CRP-04 a luta pelos direitos de cidadania dos doentes mentais vai se tornar mais abrangente e ganhar mais reforço tanto em Minas quanto no Espírito Santo. Desde a segunda quinzena de abril está em execução o projeto "Revitalizando a Luta Antimanicomial", de autoria da conselheira federal Vera Lúcia Dias, que deve ser finalizado no final do mês de maio.

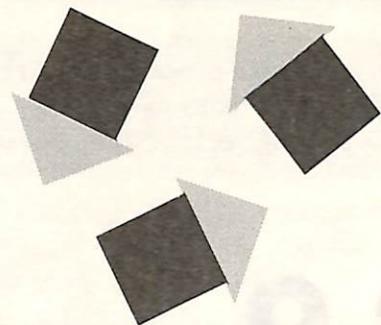
A proposta é de realização de pequenos eventos através dos articuladores e representantes dos Escritórios Setoriais, que possibilitem o aprofundamento da discussão sobre o movimento antimanicomial. Tal proposta se justifica pela desinformação sobre a luta; a falta de engajamento e participação por parte dos profissionais de saúde mental; pelo desconhecimento de projetos de leis referentes ao assunto a nível estadual e federal, além da necessidade de realização de eventos de alcance social em ocasião ao dia 18 de maio - Dia da Luta Antimanicomial.

Foram sugeridas atividades como exibição de filmes que permitam o debate sobre a situação do diferente e a hospitalização compulsória, com destaque para "Tempo de despertar", "Meu pé esquerdo", "Bird", "Rain Man", "De médico e de louco todo mundo tem um pouco" e "Um estranho no Ninho". Também previstos debates sobre os livros. "O Alienista", de Machado de Assis e "A loucura na sala de jantar", de Jacques Delgado, além da apresentação e discussão dos projetos de lei de Paulo Delgado - em tramitação no Senado Federal - e do deputado estadual Antônio Carlos Pereira, já encaminhado à Assembléia Legislativa de Minas Gerais. No final de abril já estava confirmada a presença do deputado mineiro em Governador Valadares no dia 6 de maio. Para saber mais sobre a programação de luta antimanicomial promovida pelo CRP-04 em sua região, basta fazer contato com os articuladores e Escritórios Setoriais. Os endereços e telefones estão no final desta página.

E também nesta edição, você fica por dentro do projeto "Loucurarte" que mostra, na prática, o exercício da cidadania. Pág. 11.

## Belo Horizonte

No último dia 28 de abril, o Grupo de Psicologia da Comunidade do CRP-04 reuniu profissionais na Escola de Saúde de Minas Gerais para debater "O papel do psicólogo na comunidade". Entre as questões levantadas, "Qual o paradigma que norteia a ação do psicólogo?"; "Qual o campo de atuação e sua função social?"; "Como alcançar o reconhecimento profissional?" e "Qual a ética que direciona sua praxis?". Como debatedores participaram a psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Fumec, Carmem Cristina Schiffer; a psicóloga da Ambiental Assessoria e Saneamento, Lourdes Maire Tavares Campos; a representante da Comissão Regional Constituinte, Mariana de Campos Mendonça, e o psicólogo e analista institucional William César Castilho Pereira. Mais de 60 pessoas estiveram presentes.



## Betim

Dentro das manifestações em defesa dos direitos de cidadania dos doentes mentais, foi marcada para as 19:00 horas do dia 17 de maio uma mesa-redonda para abordar o tema "Por uma sociedade sem manicômios". Agendada para o mesmo dia a apresentação do espetáculo "Aqui não tem doido não", com funcionários e pacientes do Instituto Raul Soares.

Isso não é tudo.

O Dia de Luta Antimanicomial, 18 de maio, mereceu uma programação que pudesse envolver a sociedade. A partir das 15:00 horas concentração na Praça Tiradentes, com espetáculos musicais, teatrais, exibição de vídeo e oficina de artes plásticas.

Essa luta também é sua. É pela cidadania.

## Governador Valadares

A estréia do projeto Psicovídeo, espaço de exibição e discussão de filmes, foi um sucesso. No dia 17 de abril foi apresentado e debatido o filme "Dançando no Escuro", sob a coordenação da articuladora do CRP-04, Sandra Atayde. Participaram do debate o psicanalista Wagner Ciqueira, Reginaldo Vilela e Joelma Gonçalves.

Durante um ano, a partir de março de 1992, foi implantado convênio entre a Univale e a Escola Estadual Paulo Campos Guimarães. Com a participação de quatro estagiárias, foi implantado o Serviço de Psicologia, coordenado pela psicóloga Eliene Nery Santana Enes. Através de uma equipe multidisciplinar, foi possível ampliar o atendimento a 120 alunos com deficiência física, auditiva, mental, motora, de linguagem, deficiência múltipla e deficiência de aprendizagem. O projeto empreendido em Governador Valadares foi apresentado à Secretaria de Estado da Educação para que possa ser estendido a mais instituições de ensino de Minas.

## Juiz de Fora

Entre as festividades do dia da mulher, foi inaugurada a sede da Associação de Mulher Juizforana, com a participação do Escritório Setorial da Zona da Mata. Na ocasião o Escritório do CRP-04 ofereceu à entidade parceria através dos projetos na área da saúde que contemplem atendimento psicológico. Entre as formas de colaboração destacam-se campanhas de orientação e informação através de seminários. A Associação fica na rua Barão de Cataguases, 58 e funciona em horário comercial.

Inaugurado em 14 de abril o Centro de Saúde Mental Ciesam, uma extensão do Hospital Universitário. Passa a atender, em média, 50 pessoas por mês com uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, médicos, enfermeiros e assistentes sociais nos seguintes progra-

mas: distúrbios do humor; distúrbios da ansiedade; assistência ao alcoolatra e orientação psicológica às crianças. O endereço do Ciesam é rua Catulo Breziglieri, casa 30.

Em defesa dos direitos de cidadania e em luta antimanicomial, o Escritório Setorial da Zona da Mata promoveu no dia 15 de maio uma caravana à cidade de Barbacena. Neste percurso, profissionais e acadêmicos registraram o resgate à cidadania na Femig - antigo hospital-colônia que até 1987 era denunciado pelos maus tratossófricos pelos pacientes.

## Referência Mínima

Às Clínicas e Empresas Prestadores de Serviços de Psicologia. Assunto: Referência Mínima de Honorários. Tabela com valores atualizados para o período de 01 a 31 de maio de 1993. O Conselho Regional de Psicologia 4ª Região MG/ES leva ao conhecimento de seus inscritos e demais pessoas interessadas o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia - para o mês de maio de 1993:

UP = Cr\$ 12.040,22

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

- Recrutamento:
  - Nível Operacional: 300 UPs = Cr\$ 3.612.066,00
  - Nível Técnico: 450 UPs = Cr\$ 5.418.099,00
  - Nível Superior: 510 UPs = Cr\$ 6.140.512,20
- Avaliação Psicológica: (por laudo)
  - Nível Operacional: 55 UPs = Cr\$ 662.212,10
  - Nível Técnico: 80 UPs = Cr\$ 963.217,60
  - Nível Superior: 100 UPs = Cr\$ 1.204.022,00

Treinamento: (por hora de atividade)  
130 UPs = Cr\$ 1.565.228,60

Consultoria: (por hora de atividade)  
200 UPs = Cr\$ 2.408.044,00

Para quaisquer esclarecimentos que por ventura se façam necessários, ligue (031) 261-1146.

**HONORÁRIOS**

### Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.

#### • Escritórios Setoriais:

**Triângulo Mineiro (ESTM)** - Representante: Vanice de Figueiredo Costa - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba - CEP 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.

**Sul de Minas (ESM)** - Representante: Márcio Moterani Swerts - Avenida São José, 988/08, Centro, Alfenas - CEP 37130-000 - Tel.: (035) 921-1439.

**Zona da Mata (EZM)** - Representante: Américo Galvão Neto. Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

**Espírito Santo (EES)** - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Rua Alberto de Oliveira Santos, 42/1511 - Ed. Ames, Vitória, Espírito Santo. Tel.: (027) 222-7394.

#### • Articuladores:

**Araguari:** Lúcia Santos Coelho - R. Uberaba, 266, Centro. 38440-000. Tel.: (034) 661.4108.  
**Araxá:** Aparecida Maria de Souza Cruvinel - Rua Doutor Edmar Cunha, 219 A, Centro. CEP 38180-000. Tel.:

**Cachoeiro do Itapemirim:** Carmen Lúcia Rocha de Jesus Grillo - Av. Pinheiro Júnior, 23, Centro. CEP 29307-300 Espírito Santo.

**Divinópolis:** Arlete Marchioni Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214. CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.

**Governador Valadares:** Sandra Athayde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112, Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.

**Ituiutaba:** Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.

**Montes Claros:** Ana Cristina Coulo Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.

**Patos de Minas:** Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Costa. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.

**São João Del-Rei:** Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-4167.

**Uberlândia:** Ângela Melo - Rua Seriemas, 366, Cidade Jardim. CEP 38403-077. Tel.: (034) 238-1512 e 236-2744.

# Sobre o ovo e a galinha...

## ou do diálogo entre o filósofo e o psicólogo

Eduardo Dias Gontijo

Proponho-me, neste modesto exercício de meditação, a comentar brevemente o belo, simples e precioso texto de Marcelo Perine, intitulado "A consciência moral e a norma ou o ovo e a galinha".

Começemos pelo título. Este sugere, por lúdica analogia ao clássico dilema do ovo e da galinha, que não é possível supor uma anterioridade da norma sobre a consciência moral, ou da consciência moral sobre a norma. Afinal, é preciso um ovo para que dele saia uma galinha, e é preciso uma galinha para chocar um ovo, e assim por diante, *ad infinitum*.

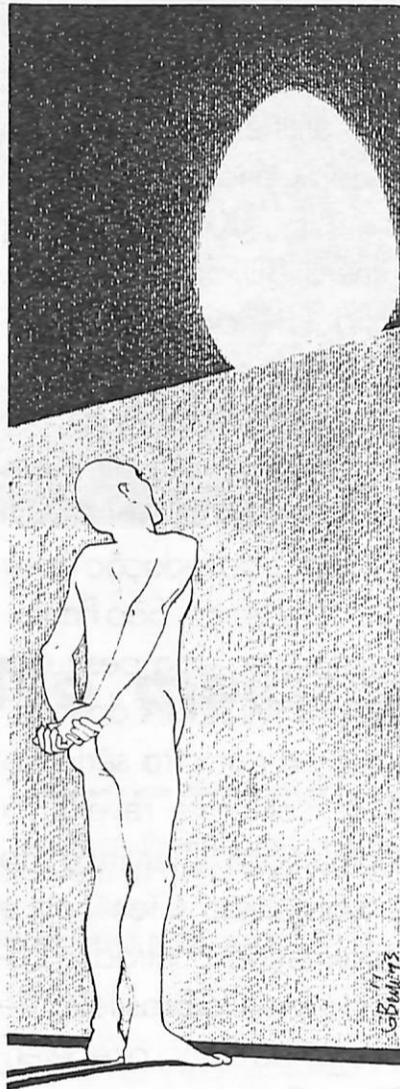
Não se trata, neste caso, de uma mera charada, ou de um jogo intelectual desprovido de consequências práticas. Mais do que isso, insinua-se, nesta especulação, um problema nuclear para o pensamento do homem sobre o homem, que lhe concerne no âmago mesmo de seu ser: a questão de sua origem, ou, dito em outras palavras, a problemática da gênese do sujeito, comumente articulada em relação a uma suposta passagem da natureza à cultura. Revelando-se nos limites do conhecimento das assim chamadas ciências humanas, esta interrogação - *quem sou eu, de onde venho?* - inscrita nas profundezas do coração, como um tremendo agulhão, apela ao indivíduo e lhe exige uma resposta que é também uma posição: que ele ponha - e disponha - o sentido e o fundamento de sua própria existência, quer dizer, de sua dignidade humana. É que, reencontrando o elo perdido de seu começo, ele anseia por reconhecer-se em sua meta: *no meu princípio está meu fim*, canta o poeta, fazendo eco ao comum mortal.

Encontramos aqui algumas dificuldades, que talvez se devam, pelo menos em parte, ao fato de que o pensamento sobre a gênese histórica, tendo como principal meta a explicação de estruturas simbólicas, muitas vezes confunde as tarefas, limites e normas intelectuais apropriadas a uma e outra, podendo desembocar em algumas antinomias ou impasses, às quais é simplesmente impossível, grande parte das vezes, encontrar uma resposta coerente, partindo das soluções enunciadas pela forma ou pelos conteúdos implícitos pressupostos na perspectiva própria da questão (parece tratar-se, neste caso, daquilo que poderíamos chamar ilusão de alternativas - algo assim como perguntar a uma pessoa se ela quer fazer isto ou aquilo agora ou daqui a cinco minutos... induzindo-a a esquecer-se de que pode dizer não ao proposto). Exemplos desta indiferenciação se encontram em certas maneiras de considerar os mitos de origem: dotados de pouco poder explicativo, em termos histórico-narrativos ou

científico-naturais, demonstram-se, no entanto, enriquecidos por uma extraordinária capacidade simbólica, ao tentar revelar, em sua coerência própria, os fundamentos da condição humana e das estruturas da vida social, no que estas expressam, tanto de particular, como de universal.

Se a reflexão sobre a gênese endereça-se às maneiras clássicas pelas quais formulamos o problema da passagem da natureza à cultura, ela entrecruza-se, por outro lado, com a explicitação dos aspectos constitutivos e a autocompreensão de nosso estar no mundo, tendo, pois, implicações na instituição dos fins da natureza e da cultura. O que observamos, entretanto, neste caso, é que as soluções propostas, em geral, para tal problema tendem a situar-se na linguagem do mito - ainda que, modernamente, este se revista de uma aparência científica, e recuse a fábula - na medida em que, ao pretender discursar sobre a origem, nada mais fazem do que reiterar uma estrutura, tanto no que esta possui de histórico e particular, como de universal, pela onipresença da moralidade, da formalidade da lei e da distinção - oposição - entre o bem e o mal nos afazeres humanos. Temos aqui ovos engendrando ovos, fatos morais produzindo fatos morais... Noutras palavras: confundir gênese histórico-natural e fundamentação de estrutura simbólicas é faltar às regras da boa lógica e incorrer no que se chama de círculo da prova. Na natureza, não há valor ou fato moral: tudo é como é e acontece como acontece. E o homem é, por natureza, um ser da cultura: não se pode voltar atrás neste dado primeiro, pela fantasia do desejo regressivo. Se a cultura traz em si um mal-estar, resultante, como muito apropriadamente o expressou Marcelo Perine, da educação, como uma paixão contra a paixão, uma violência contra a violência - interdição dos projetos de vingança - ela pede que este mal-estar seja resolvido pela própria progressão... na cultura: sem evadir-se dela. Perguntar ao ser natural sobre os fins que o levam a abandonar a natureza pelo projeto da cultura é pressupor nele algo que este não pode possuir. A boa parcimônia, neste terreno, nos exige - como sabiamente o fez Kant - conceber as origens da Lei como algo que permanece - pelo menos no presente estado de coisas - como um insondável para nós. Como compreender, por exemplo, que haja, para a fera, cena primordial ou assassinato do pai primeiro, na ausência de cultura?

Para colocar em relevo um ponto crucial, observamos que se trata da carta de um filósofo - que obra no horizonte do Absoluto e põe incansavelmente a questão do sentido-fundamento, que concerne eminentemente ao homem em sua totalidade - para o



psicólogo ou antropólogo cultural (no campo da teorização sobre a gênese da cultura, estes últimos possuem certas afinidades eletivas), que resumem seu trabalho nos limites espaço-temporais do empiricamente dado. Uma dificuldade que se coloca neste diálogo concerne às reais possibilidades de redução da cultura à natureza, e da natureza à cultura. É bem verdade que se pode pensar a natureza sem cultura, enquanto é impossível pensar a cultura sem a natureza. Mas é igualmente impossível situar-se fora do pensamento, fenômeno característico da cultura, ainda que para meramente pensar a natureza. Mesmo essa nostalgia das origens, esse desejo de saber regressivo, essa saudade da inocência perdida pelo conhecimento da contradição que habita o mundo dos homens - em suma, o esforço crítico - parece constituir uma das marcas registradas da própria cultura. Mas é só na cultura, e a partir da irreduzível liberdade, que

SP-027-009

I D É I A S

O autor é psicanalista e Professor no Depto. de Psicologia da Fafich-UFMG. O texto apresentado nesta página foi motivado pelo artigo de Marcelo Perini publicado na última edição do Jornal do Psicólogo.

pode realizar-se esse prodigioso poder do negativo, com relação ao que é simplesmente dado! E é exatamente o poder de negar que torna impossível este gênero de explicação da passagem da natureza à cultura: como partir das circunstâncias, pois, se estas podem ser indefinidamente negadas, já não está suposta a cultura? Não seria isto pôr o relativo no lugar do absoluto, numa imaginarização absurda dos fundamentos da vida humana? Creio ser pertinente aqui a pena crítica de Hegel:

... este esforço de legitimação pela história, quando confunde a gênese temporal com a gênese conceptual, acaba por fazer inconscientemente aquilo que é o contrário do que visa. Com efeito, quando uma instituição aparece em circunstâncias determinadas e plenamente adequada e necessária, e uma vez cumprida a missão que o ponto de vista histórico lhe definiu, então, ao generalizar-se este gênero de justificação, o que resulta é o contrário, pois as circunstâncias deixam de ser as mesmas e a instituição perdeu todo o sentido e todo o direito.

Certamente, não haveremos de pensar que o pai-tirano da horda primeira possa habitar entre nós, como particular que se faz deus ou lei para todos. Colocaremos, então, a memória - esquecida - dos acontecimentos primordiais nos genes, para torná-los efetivos no presente?

É certo que o pensamento científico põe-se a si mesmo como sujeito e senhor das coisas, e, tendo como objeto a natureza - ainda que a conceba como sujeito-objeto - aspira, a partir de suas hipóteses, cujo valor é meramente operativo (e não absoluto), a transformação do mundo no cuidado do ser natural. O filósofo, por outro lado, ouvinte da palavra, assujeitado e reconhecendo em sua essência a amável servidão que coexiste com a liberdade concreta, situa-se na cultura, e se dirige a ela nos termos que lhe são próprios, naturais. Visando à totalidade do que é, a sua proposta não poderá deixar de ser edificante: é que o logos, seu dono, fala pelo homem ao homem - pela cultura à cultura - na aspiração ao universal, que congrega todas as coisas. Este discurso, portanto, não poderá deixar de ser moral. Ou melhor: buscará ser conseqüente. E coerente.

Para resumir: enquanto o primeiro se exerce no âmbito da *tecné* - da transformação da natureza, para o gozo do homem, arrendatário do mundo natural - o segundo se esforça nos limites da *paidéia* - na formação do homem, em função do seu fim prático próprio, a vigência do Bem, do Belo e do Verdadeiro na comunidade dos homens. Como o disse, e bem, o santo Agostinho: dois amores fizeram duas cidades...

Há um grupo de psicólogos que não quer saber de imperícia no trânsito. Criada em outubro passado a Associação Nacional de Psicologia do **TRÂNSITO** (Anpsitran) que pretende divulgar e promover estudos e aplicações de Psicologia do Trânsito. Quem estiver interessado, faça sinal. Contatos com a psicóloga Julieta Arsênio - rua Forte Velho, 784, aptº 403 - CEP 86010-510, Londrina, PR. ■ Já está circulando o número 12 da Revista "Psicologia **ARGUMENTO**", publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. A publicação é semestral e por isso recebe trabalhos relacionados à Psicologia só até março e novembro de cada ano. Devem ser encaminhados ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - rua Imaculada Conceição, 1.155 - Prado Velho - Curitiba, PR - CEP 80215-901. ■ Também em circulação o número 30 da Revista da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, em São Paulo. Nesta edição, artigos diversos, entre eles, um dedicado à atuação psicológica em instituições de amparo à **CRIANÇA** e adolescente. Tem ainda uma pesquisa sobre a sexualidade na **ADOLESCÊNCIA** e juventude. O endereço da redação é rua Dom Bosco, 284, CEP 12600-000, Lorena, São Paulo. ■ Divulgada recentemente na imprensa uma pesquisa da área da educação que revela a **MISÉRIA** do País. O índice nacional de repetência na primeira série do ciclo básico é de 55% a 60% conforme revelou o Laboratório Nacional de Computação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Esta informação contradiz **ESTATÍSTICAS** oficiais, inclusive do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo o qual a repetência tinha médias de 17% a 18%. ■ O segundo tomo dos anais do I Congresso de Trabalho Comunitário e Social já ficou pronto e está à disposição dos interessados na secretaria da Rede de Trabalho **COMUNITÁRIO** com Wilson. Tel.: (031) 226-6465 e 227-9031. ■ E para quem ainda não sabe, foi um **SUCESSO** a reunião realizada no final de abril entre CRP-04 e representantes das escolas de Psicologia de Minas e **ESPIRITO SANTO**. Em debate, a formação profissional.

Congratulo-me com a **Gestão Psicodiversidade** pela inovação qualitativa dada ao **Jornal do Psicólogo**. Venho solicitar aos senhores o **Jornal do Psicólogo** nº 39 referente ao mês de janeiro de 1993, pois acuso o recebimento apenas do nº 40, referente a fevereiro e março de 1993.

**Maria Aparecida Santiago**

João Monlevade (MG)

O **Jornal do Psicólogo** já providenciou o envio do exemplar solicitado. E em caso de colegas que não estejam recebendo a publicação, favor alertá-los sobre a atualização de endereço junto ao CRP-04.

Temos em mãos o **jornal** nº 39, dezembro/92 e janeiro/93 do CRP-04. Lemos e achamos excelentes as matérias e o nível do jornal. Gostaríamos de parabenizá-los pelo desempenho e pela riqueza de informações que vem nos trazer o mesmo.

Nós, estudantes do 3º período de Psicologia da Univalde, estamos engatinhando no sentido de promover o nosso curso, a nossa área de estudo e trabalho e popularizar a nossa Psicologia (às vezes tão elitizada).

Gostaríamos de trocar experiências com profissionais da área, construindo da melhor maneira possível nossa formação acadêmica. Criamos o **Psicologando**, jornal mensal, com a última tiragem de 1.200 exemplares e distribuição gratuita.

Gostaríamos de manter contato com vocês, trocar experiência, jornais e idéias.

**Cristiane Esteves Lima - Kelliny Valle Pontes - Gisele Carvalho**  
Governador Valadares (MG)

Os interessados em manter contato com o jornal **Psicologando** devem escrever para: **Jornal Psicologando** - Rua 30 de janeiro, 619, bairro São Paulo. Governador Valadares, Minas Gerais - CEP 35030-170.

Faço o 1º ano de **Psicologia** no Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon). Gostaria de saber como faço para receber o **Jornal do Psicólogo**. Aguardo resposta e agradeço antecipadamente.

**Luciana Rauvalli Saraiva**

Londrina (PR)

Venho através desta primeiramente cumprimentá-los pela publicação do **Jornal do Psicólogo**, com o qual tive contato há poucos dias na Universidade Católica de Santos, tratando-se, sem dúvida, de um veículo de comunicação muito importante para a classe dos psicólogos.

Estou cursando o 3º ano da Faculdade de Psicologia (Unisantos) e me interesso muito por esses informativos. Gostaria, se possível, de receber as futuras edições do **Jornal do Psicólogo**.

**Washington Luiz F. Reis**

Santos, SP

O **Jornal do Psicólogo** é dirigido a todos os psicólogos de Minas e Espírito Santo inscritos no CRP-04. Este é o nosso principal público-alvo, embora a publicação também seja distribuída a escolas de Psicologia e bibliotecas de todo o País, além de órgãos e entidades afins. O sistema de assinaturas ainda não foi implantado pelo **Jornal do Psicólogo**, pois esta não é sua prioridade. No entanto, o CRP-04 tem o maior interesse em divulgar a Psicologia e o fazer dos profissionais para toda a sociedade. E é com este objetivo que estamos cadastrando as pessoas interessadas no **Jornal do Psicólogo** para que também possam ter acesso aos textos e artigos e, assim, ampliar o universo de interlocução entre os profissionais do país.

**Cartas para a redação:** Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04 - Assessoria de Comunicação Social - Rua Tomé de Souza, 860/10º andar, Savassi - Belo Horizonte-MG - CEP 30140-131.

Este também é o endereço para envio de informações, inclusive para a página Interurbano, artigos e apresentação de teses para divulgação no **Jornal do Psicólogo**. Os textos devem ser encaminhado com o número de telefone para contato e endereço. Os assinados devem ter, em média, 80 linhas datilografadas, breve currículo profissional e, no caso das teses, indicação dos locais onde possam ser pesquisadas pelos interessados.

## Jornal do Psicólogo

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04  
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG.  
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Mariana de Campos Mendonça, presidente; Carus Trindade Guimarães, vice-presidente; Simone Maria Machado da Silveira, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

7º Plenário: Conselheiros Efetivos: Carus Trindade Guimarães; Maria Carmen Lopes Albrickere Barbosa; Mariana de Campos Mendonça; Raymonde Jouanneau Saraiva; Sebastião Rogério Góis Moreira; Simone Maria Machado da Silveira; Sônia Maria de Brito Marques Porto; Susana Cançado Teatini; Zulma Canuto. Conselheiros Suplentes: Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Edith Lins Eto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Manoel Mata Machado; Márcia de Oliveira Prata; Regina de Mont'Alverne Neto;

Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Vicente Almeida. Conselheiros Federais: Ricardo Figueiredo Moretzsohn (efetivo); Vera Lúcia Dias (1ª suplente); Gerson Alves Vieira (2ª suplente)

Coordenadoria Técnica: Heloísa Amaral;

Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04 - Jornalista Responsável:

Andréa Rocha Faria (Mtb/MG 4203)

Programação visual: Marcelo Xavier

Ilustrações: Geraldo Benício, Marcelo Xavier e Marcelo Kraiser

Fotografias: Beto Novais e Patrícia Azevedo

Edição gráfica: Cláudia Barcellos

Impressão: Editora Litero Maciel

Tiragem: 10.500 exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O **Jornal do Psicólogo** as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Fotos: Patricia Azevedo

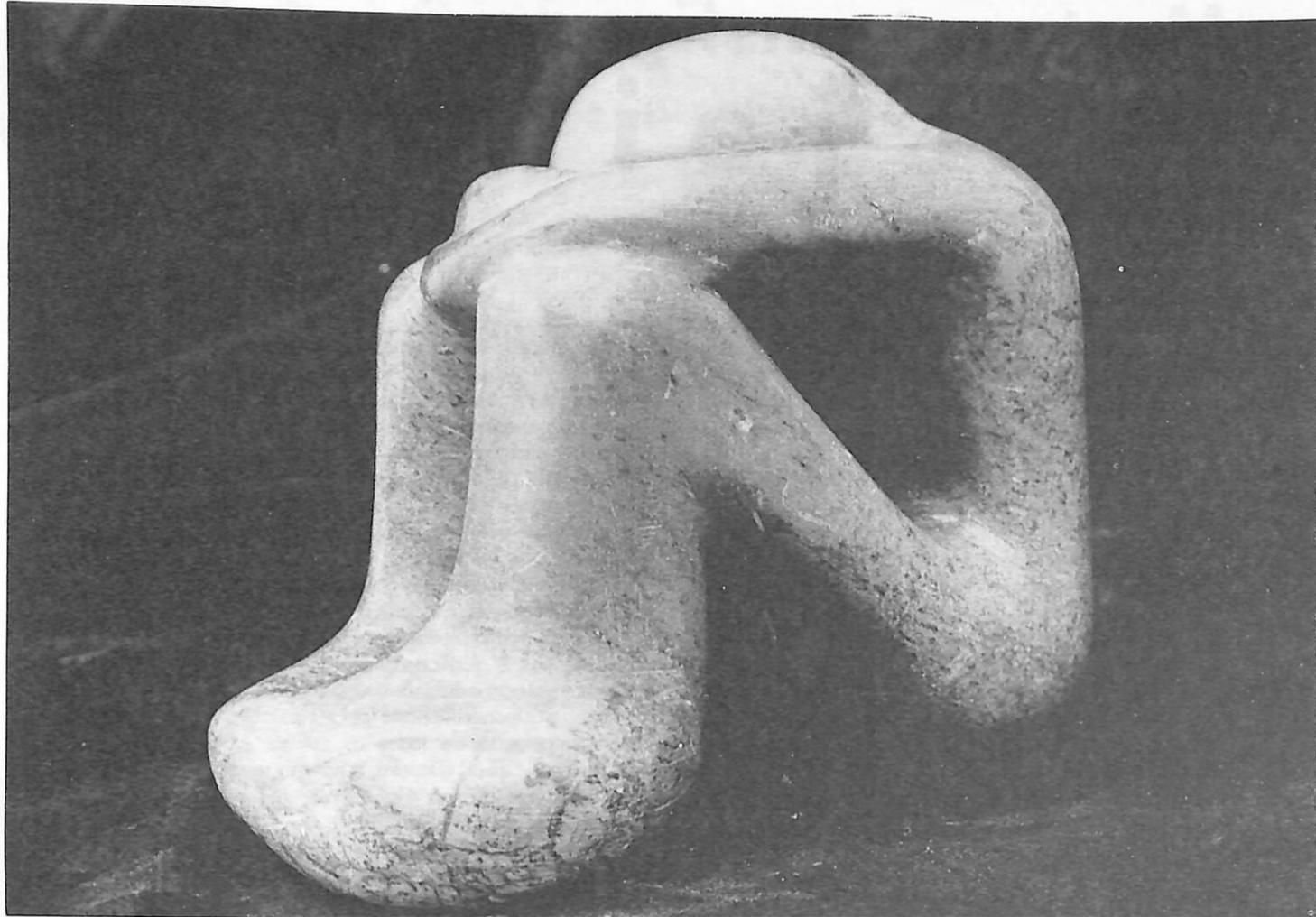
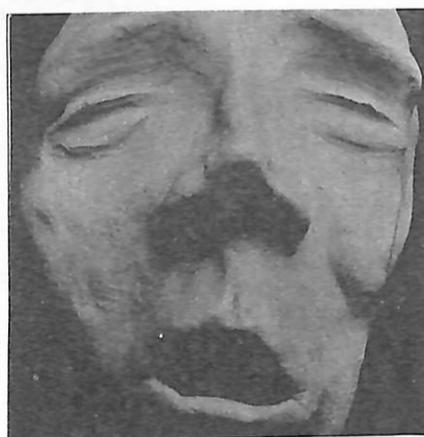
# A arte de exercer a cidadania

As obras estampadas nesta página bem que poderiam estar expostas em galerias de arte ou casas de decoração. Poderiam ser assinadas por badalados nomes das artes plásticas. Mas não. As figuras dramaticamente humanas, geométricas ou abstratas surgiram da pedra-sabão em estado bruto pelas mãos de anônimos artistas que fazem da arte o simples exercício da Cidadania.

Os criadores destas e de muitas outras peças de igual beleza e plasticidade pertencem à pacientes e funcionários do Centro de Convivência Artur Bispo do Instituto Raul Soares. Este espaço de cultura transforma, através da arte, não-cidadãos em verdadeiros artistas, apadrinhados por Artur Bispo, um "louco artista" que inspira as obras do conceituado artista plástico Marcos Benjamim, conhecido nacionalmente.

A arte que brota nas oficinas do Centro de Convivência Arthur Bispo expressa não somente sentimentos e vivências universais, mas também e, especialmente a inserção deste indivíduo no que se ousa chamar de sociedade. São um belo instrumento de luta antimanicomial.

São uma "Loucurarte".



## No meio do caminho...

Afonso Victor Fleury Teixeira\*

A oficina de artes plásticas que oferecemos no Centro de Convivência Arthur Bispo tem, desde o princípio, objetivos muito claros:

I) Criar um espaço de produção artística, oferecendo opções de trabalho que vão das formas mais rudimentares às proposições estéticas elaboradas e conceitualmente complexas.

II) Subsidiar o processo de reinserção social do egresso hospitalar através da recuperação de sua capacidade produtiva pelo viés da criação artística, se possível, endereçada ao mundo social sob a forma de um produto comercializável.

Foi uma aposta. Para sua execução escolhemos a pedra-sabão - desafio insólito e mineral; metáfora do destino, icognocível, sinuoso e não raras vezes estranhamente mudo ou exuberante. Desde o início, nenhuma pré-seleção; apenas o convite. Empunhar formões, grosas, marretas... e moldar a pedra, sob o aço do desejo, indestrutível como o pó da pedra... mas modelável em suas entranhas...

Como o vem fazendo Solange Silva em sua acolhida de formas humanas (lembranças de outros tempos de hospital?) sempre em posição de sofrimento e inexorável solidão. Em atualização de um outro tempo e

reminiscências, vemos Solange se debruçar sôfrega e com esmero sobre o passado que lhe assombra.

Abrindo janelas, fendas, como a deslindar futuros, avessos, entre texturas que vão harmoniosamente rupestre ao brilho futurista, encontra-se Geraldo Francisco. Por vezes nos perguntamos se tenta deter o fluir do tempo em suas medidas tão precisas ou se apenas nos aponta que ele ocorre entre mil fendas unindo o homem das cavernas ao astronauta. Esse tempo nos escapa por algumas de suas fendas.

Por outro lado temos o Celso. A mesmice de suas pedras torna o tempo atemporal. Seus mil e um cãezinhos infundáveis... Só ele os vê iguais?

Luxúria, lancidão, espaços. Assim na pedra traçam-se geometrias do particular. Histórias que se alçam muitas vezes sobre mim sempre vazio, em direção a Outro, ao Alguém que está sempre a espreitar em todos os lugares. As pedras saem dali, para além de seu pó substancial, em troca de amores, de olhares, de dinheiro. Como num conto em que cada qual se detém sobre... uma pedra no caminho...

**O autor é psicólogo e artista plástico. Coordenador da Oficina de Artes Plásticas do Centro de Convivência Arthur Bispo do Instituto Raul Soares, em Belo Horizonte.**

# Morte e transfiguração do s u j e i t o

Num belo e instigante ensaio - "Paisagens da solidão" - o filósofo catalão *Eduardo Subirats* dedicou-se a desenredar e recompor a complexa trama cultural que envolve a obra do pintor alemão *Caspar David Friedrich*. A obra *friedrichiana*, argumenta Subirats, não se ampara apenas na interpretação tradicional da estética do romantismo: a figura humana interposta entre o espectador e a paisagem que, no ato de sua solidão contemplativa, interioriza e subjetiviza a natureza. Outros elementos parecem marcar um inesperado contraponto em relação à intenção idealista de espiritualizar a natureza, pois esta apresenta-se estática, inercial, distante e desértica. Longe do encontro romântico do homem com a natureza, propiciado pela arte, a desolação da paisagem, em sua grandeza opressiva, ainda mais evidencia o desesperado isolamento do sujeito que a contempla.

Qual seria, podemos nos perguntar, a identidade desse sujeito, mediador e perdido, centralizador e impotente, que as telas de *Caspar Friedrich* tão bem e pungentemente souberam retratar? Segundo *Subirats*, é o sujeito moderno que se duplica numa dolorosa clivagem, enquanto sujeito transcendental da racionalidade instrumental e da ação dominadora e sujeito concreto da experiência estética e da demanda de sentido. Assim, diante da presença arrogante do sujeito transcendental não há natureza em si, pois esta é produzida por sua atividade epistêmica, é construída no interior do espaço conceitual como conjunto de leis universais e só o interessa como o campo teórico de uma possível intervenção operacional e metódica. Essa natureza apropriada, explorada e arruinada pelo trabalho humano, apresenta-se, em sua devastação, não apenas como representação de uma ordem cósmica que se perdeu, mas também como testemunho de uma inesperada vingança. A natureza ferida vinga-se na dor moral, na travessia agônica do desconsolo e da ausência de sentido do homem concreto que, agora, nela descobre-se num permanente exílio.

Na modernidade, o sujeito foi entronizado não apenas como princípio e ponto de partida do conhecimento, mas também como instância constitutiva da realidade. Essa revolução copernicana do pensamento, como denominou *Kant* essa verdadeira subversão da filosofia clássica, possibilitou, por um lado, conceber a natureza como domínio humano, por outro, desestabilizou em sua base referencial os sistemas institucional e simbólico da civilização ocidental. Esse desequilíbrio, cavando um abismo entre as esferas material e espiritual da existência, levou à ruptura do vínculo dialético entre a consciência de si e o reconhecimento do outro, sem o qual a subjetividade converte-se numa vivência fugaz do indivíduo ou numa proposição intelectual abstrata. Assim, des-historicizado e privado de sua ancoragem na reflexividade da consciência, o sujeito transcendental perdeu a sua consistência filosófica e, paradoxalmente, o seu triunfo, evidenciado no êxito do projeto fáustico da civilização técnico-científica, prenunciou a sua própria paixão e morte, o seu fim enquanto dimensão necessária da experiência antropológica.

Na impossibilidade de examinarmos aqui esse paradoxo - o escândalo do sofrimento num mundo plasmado pela inteligência e a ação do homem - poderíamos, ao menos, assinalar o seu desdobramento aporético no movimento pendular de um duplo protesto filosófico. Protesto que fez da linguagem,

tomada como horizonte intransponível de toda reflexão, o registro privilegiado da subjetividade interdita, isto é, impedida de dizer-se, de expressar-se a partir de si mesma.

O caminho hermenêutico, uma das vias desse protesto filosófico, foi prefigurado por Nietzsche no célebre aforismo 374 de "A gaia ciência": "Penso que, ao menos hoje, estamos longe daquela ridícula pretensão de decretar a partir de nosso "cantinho", que somente a partir dele é lícito ter perspectivas. O mundo nos parece agora ter-se tornado uma vez mais "infinito": na medida em que não podemos recusar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações". Este aforismo marca o processo de desracionalização do sujeito, descarta a sua pretensão panóptica e normativa, implodindo-o em infinitos enfoques e perspectivas. A glorificação da pluralidade e do jogo, da contingência e do acontecimento, desafia a uniformização do mundo imposta pelo imperativo técnico da manipulação de todas as coisas. Ao reconhecer-se como "ser-aí" (*Dasein*), o homem reconhece um destino que escapa à eficiência de suas mãos e ao escrutínio de seu olhar.

O caminho estruturalista, a outra via do protesto filosófico, foi bem discernido por Michel Foucault, nas páginas finais, belas e audaciosas, de "As palavras e as coisas"... hoje em dia, o fato da filosofia estar sempre e ainda em vias de acabar e o fato de nela talvez, mas mais ainda fora dela e contra ela, na literatura como na reflexão formal, se pôr a questão da linguagem, provam indubitavelmente que o homem está em vias de desaparecer. É que toda episteme moderna (...) estava ligada ao desaparecimento do discurso e do seu reino monótono, à passagem da linguagem para o campo da objetividade e seu reaparecimento múltiplo. Se esta mesma linguagem surge agora com mais insistência em uma unidade que devemos mas que não podemos ainda pensar, isso não seria o signo de que toda essa configuração vai agora balançar e que o homem periga na medida em que brilha mais forte em nosso horizonte o ser da linguagem?" Este texto parece anunciar o irreversível processo de dessubjetivação do transcendental e a eliminação da idéia de um sujeito fundante, concebido como um resultado extravagante da metafísica idealista.

Entretanto, devemos nos interrogar se ambos os caminhos, convergindo na intenção de desconstruir o sujeito transcendental, não reintroduziriam uma forma nova e ainda mais radical de subjetivismo, aquele representado pela "obsessão linguageira" de certo pensamento contemporâneo e que transfere o arbítrio do sujeito para o signo, seja relativizando o significado dos discursos, seja absolutizando a primazia do significante. Pois, com a supressão do sujeito, a lógica que nele se sustentava, porém, abrindo-se ainda à exigência de fundamento, irá transfundir-se no código de um mundo banalizado, no qual o universo vivo da interlocução é recalcado em nome da onipresença determinante das regras, da sintaxe reificada da palavra ausente e do fascínio pelo vazio estruturante das diferenças.

Talvez o sujeito transcendental tenha, de fato, morrido, transfixado pela pura combinatoria dos significantes, mas apenas para dar lugar à forclusão do inteligível e lançar o real, tido como o mero indizível, no labirinto especular de uma linguagem enclausurada em sua irredimível imanência.



**Carlos Roberto Drawin**

Psicólogo e professor de  
Filosofia da UFMG



**"QUE TIPO DE SUJEITO É O PSICÓLOGO QUE  
POUCO SE IMPORTA COM A PSICOLOGIA?"**

**Jornal do Psicólogo**

Rua Tomé de Souza, 860 10º andar  
30140-131 Belo Horizonte MG

PORTE PAGO  
DR/MG  
ISR-73-166/84

**IMPRESSO**

CONSELHO  
REGIONAL DE  
PSICOLOGIA  
CRP - 04

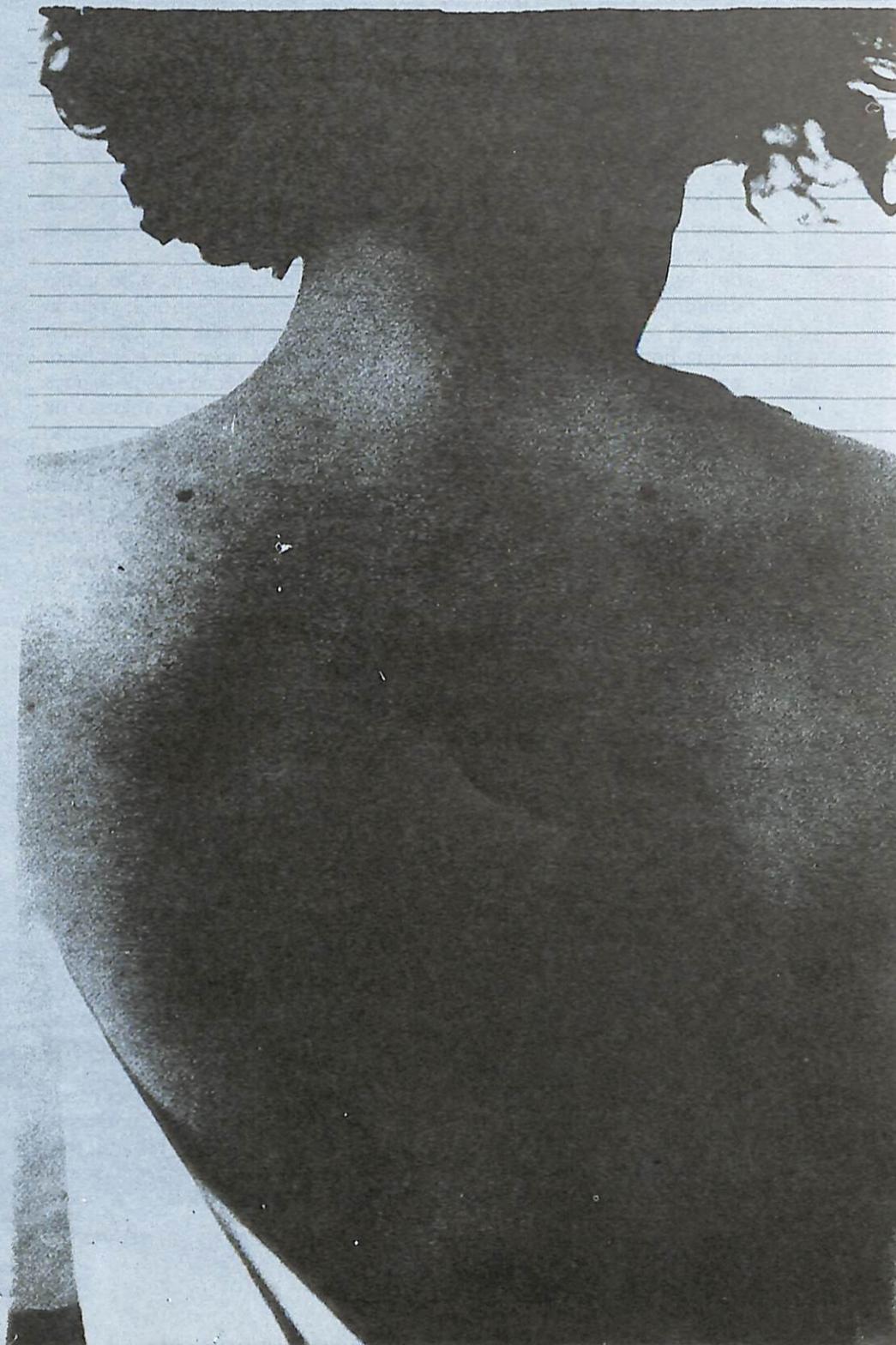


E S C U T A

BELO HORIZONTE, ANO 9 • Nº 41  
ABRIL / MAIO 1993

# MULHER

- **O** que quer uma mulher? O mesmo que qualquer outro sujeito social-psíquico. É o que defende a psicóloga Heloísa Antônia Nascimento.
- **E** o que quer um homem? Ele quer uma mulher, a verdade sem meias palavras. Por Belkiss Pandiá Guimarães.



# MULHER: CORPO E ALMA

Algumas reflexões sobre a mulher-sujeito psíquico histórico

Heloisa Antônia Oliveira F. Nascimento

Para se falar de mulher, temos que repensar Freud, a descoberta do Inconsciente e o momento no qual esta descoberta se deu.

Freud foi um gênio porque possibilitou às mulheres que rompessem com o seu ciclo neurótico, que significassem os seus sintomas.

Vivia em uma Viena conservadora: mulheres enclausuradas vivendo dentro de uma família nuclear burguesa com tradição judaico-cristã.

Freud tinha os seus ideais de feminilidade, encanto, doçura e beleza. Numa das inúmeras cartas que Freud escreveu a Marta durante o seu longo noivado, expõe-lhe suas idéias sobre a submissão das mulheres, de acordo com o título de um ensaio de John Stuart Mill:

*"Lembro-me de que um dos argumentos principais na obra que traduzi era de que não seria absolutamente impossível uma mulher casada ganhar dinheiro quanto o marido", escreve. "Creio que concordamos no fato de que a manutenção da casa, a educação das crianças e o cuidado com elas monopolizam inteiramente um ser humano e excluem praticamente qualquer possibilidade de ganhar dinheiro, mesmo quando os trabalhos domésticos são significados e a mulher não tem de espanar, arrumar, cozinhar etc. Em nenhum dos trabalhos (de Stuart Mill), diz-se que a mulher é diferente do homem - não quero dizer inferior, pois seria justamente o contrário. Ele encontra, por exemplo, uma analogia entre a servidão das mulheres e a dos negros. Embora ela não possa votar e não tenha capacidade jurídica, toda moça cuja mão um homem beija e pelo amor da qual está pronto a assumir todos os riscos poderia demonstrar isso.*

*É também completamente impensável querer lançar as mulheres na luta pela vida à maneira dos homens. Por exemplo, eu deveria considerar minha doce e delicada querida como concorrente? Nesse caso, acabaria por lhe dizer, como fiz há 17 meses, que a amo, que farei qualquer esforço para tirá-la dessa concorrência e que lhe atribuo como domínio exclusivo a tranquila atividade de meu lar. É possível que uma nova educação chegue a sufocar todas as qualidades delicadas*

*da mulher, sua necessidade de proteção, que absolutamente não impede suas vitórias, de forma que ela possa, como os homens, ganhar sua vida. Em geral é possível que nesse caso, não se tenha razão de deplorar o desaparecimento da coisa mais deliciosa que o mundo tem a nos oferecer: nosso ideal de feminilidade. Acho que todas as reformas legislativas e educativas fracassarão em consequência do fato de que, bem antes da idade em que um homem pode garantir para si uma boa situação em nossa sociedade, a natureza decide o destino de uma mulher proporcionando-lhe beleza, encanto e bondade".*

Carta fala por si.

Freud é o fundador do Inconsciente: neste não há contradição - não há masculino e feminino. O Inconsciente trata de sujeitos psíquicos e não de sujeitos biológicos. A psicanálise tem como objeto o corpo erógeno as representações inconscientes do corpo, e não o corpo biológico.

Se a Psicanálise trata de sujeito psíquico e não de corpo biológico e se no inconsciente não há lugar para oposição entre masculino e feminino, então quando ele cria seus postulados e suas teorias, ele está tratando de ambos os seres. A mulher enquanto sujeito de desejo. Mas, Freud queria ser um gênio e fazer uma descoberta inédita. Os homens estavam no poder, ter os homens enquanto objeto de suas descobertas e pesquisas provavelmente, ou, com certeza, lhe traria retornos. E foi o que ele fez. Às poucas obras que dedicou à mulher, ele tinha como referencial o corpo masculino. Não teorizar a mulher a partir dela mesma, porque não o fez?

Segundo ele, quando os meninos descobrem que às meninas falta um pênis, eles têm duas reações: sentem um horror por essa mutilação ou um desprezo triunfante. Os mitos falam através do homem. O mito da Medusa, daquela que devorou todos os pênis e os incorporou para si, o temor que os homens têm de uma vagina dentada, outro mito, o mito ou tabu da virgindade - Vagina sendo tabu é algo da ordem do divino, do intocável, mas ao mesmo tempo guarda segredos, é ameaçadora.

Freud diz que esse tabu foi criado porque as mulheres, inconscientemente, têm desejo de castar os homens, para se vingarem de sua ferida narcísica de não possuírem um pênis.

O desprezo triunfante expresso pelos homens não seria uma defesa? Como diz Karen Horney: os homens têm medo da penetração porque estão tão fundidos com a mãe que têm medo de serem capturados pela mulher-mãe e não retornarem.

Por que Freud diz então que a mulher é um enigma, é o continente negro? Por que o ameaçava? Por que ele tinha desejos incestuosos inconscientes por sua mãe?

Ou por que ter a mulher como objeto de pesquisa enquanto intersubjetividade feminina não lhe traria sucesso? Ele disse a Marie Bonaparte: Me preocupa muito saber que as mulheres estão sendo teorizadas por homens. Acho isso perigoso - e ele se incluía nessa afirmação.

Enigma, obscurantismo significam algo velado, indizível, não representável.

Segundo Freud a mulher tem um ego fraquíssimo; não consegue internalizar a autoridade paterna porque não tem ameaças de perda. Ela já perdeu o que há de mais valioso, o pênis.

Será sempre uma perversa polimorfa. Por que perversa? As pulsões pulsam, elas querem se realizar, e a natureza humana pouco se importa com o objeto escolhido. A mulher tem muitas zonas erógenas que buscam satisfação, querem ser potencializadas e satisfeitas.

O que quer uma mulher? Enquanto sujeito histórico social psíquico ela quer o que qualquer sujeito quer. Por que Freud tinha tanta dificuldade em explicar o desejo de uma mulher?

Ela não quer ser apenas objeto de desejo do outro, ela quer ser dona de seu desejo, de sua verdade. Quer poder ter prazer na escuta, sentir os cheiros, os sabores, os toques, os carinhos, ter orgasmos, amar, desejar, trabalhar, escolher dentro das multiplicidades e diversidades de escolhas existentes. Tem vontade de potência como diz Nietzsche. Querem ter acesso à arte, à ciência, à cultura. Gerar filhos ou não, casarem ou não.

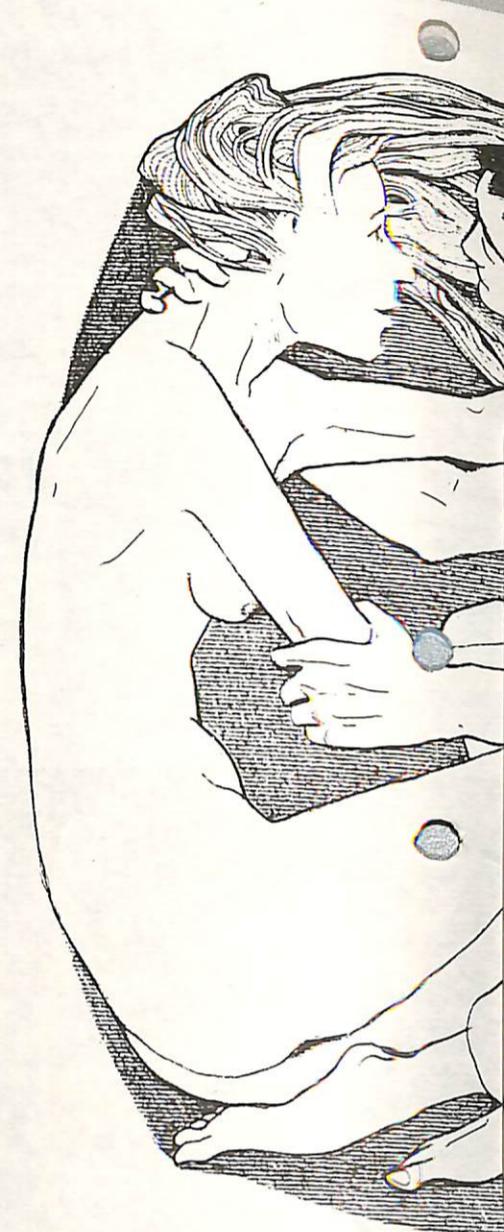
O corpo da mulher é todo investido de energia, ela não é como o homem que tem uma energia concentrada no cérebro, ou no pênis. O seu corpo todo fala e pulsa. É por isso que vivemos numa geração de cultuar o corpo. Corpo de prazer. Prazer em se alimentar, em esvaziar, emocionar. Mas as pulsões não devem se encaminhar para uma simples explosão de afetos e

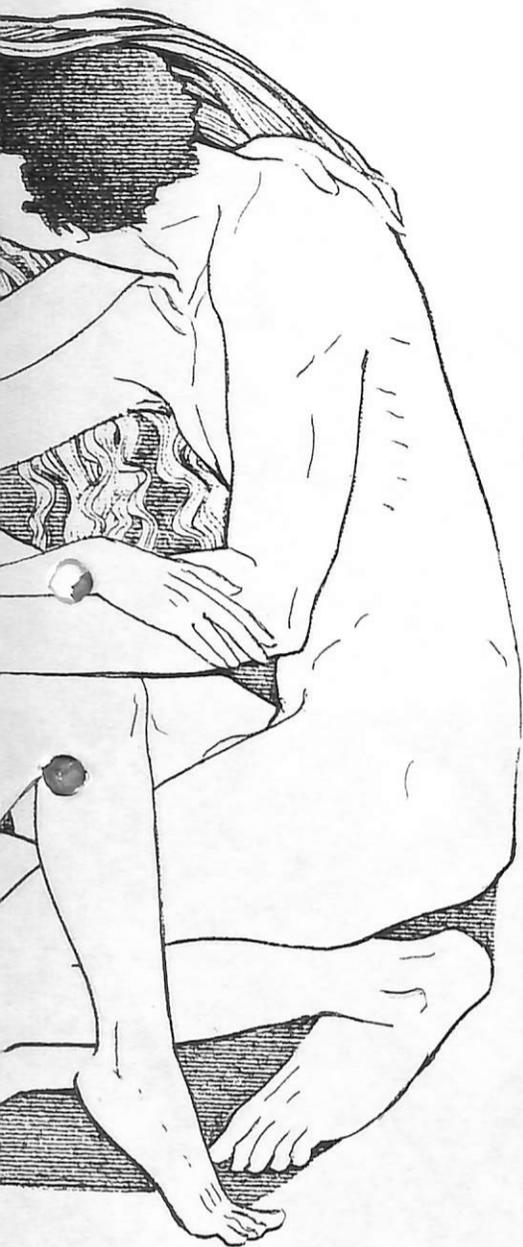
emoções, elas também devem ser canalizadas para outras direções, outros prazeres.

A mulher deseja ter infinitos prazeres e não apenas um prazer infinito como propõe o matrimônio. Dedicar toda a potência, a vitalidade para um único fim. Por isso ela é cantada em versos e prosas.

Freud disse que para a mulher se tornar mulher, devir mulher ela tem que passar por 3 mudanças:

1º. Abandonar a mãe enquanto objeto de amor e se ligar ao pai. Tarefa difícil. Primeiro porque o relacionamento com o parceiro do sexo oposto é uma repetição do relacionamento inicial com a mãe. Uma mãe onipotente, idealizada, que dá segurança, estabilidade, conforto. Portanto, essa mãe-companheiro é fantasiada como fonte inesgotável de prazer. Essa relação é ambivalente, segundo Freud, a menina acusa a mãe por não lhe ter dado o pênis, e sempre retorna ao corpo materno a fim de restituir algo perdido.





MPLEXO  
CENTE DE  
SO MONT.  
MANEIRA  
KL  
1993

2º. Mudar o órgão de prazer. Clitoris para vagina. Porque abandonar o prazer clitoridiano se ele é um a mais das fontes propiciadoras de prazer?

Segundo Freud no início do Des. psicosexual, o que há é o monismo sexual - só existe um sexo, o pênis - o clitoris é um pênis atrofiado, e a mulher deve sentir orgasmo vaginal e não clitoridiano.

Sobre a feminilidade ele escreve: "Esta reconhece o fato de sua castração, e com isso também a superioridade do homem e sua própria inferioridade; mas ainda assim se rebela contra este estado de coisas desagradável".

3º. Abandonar a atividade e se tornar passiva, receptiva, estar pronta para receber amor, ser penetrada, se deixar desejar.

Para Freud todas as pulsões orais, anais, fáticas devem se unificar, se integrar e se realizar enquanto pulsão genital.

A mulher devém mulher no coito sexual. Os prelúdios sexuais, os jogos são indicativos de perversão, principalmente, quando a mulher se fixa em uma forma de obter prazer que não a genital.

Na leitura que foi sendo feita desse corpo feminino e de seu psiquismo foram sendo produzidos muitos sentidos. Estes circulam e obtêm reconhecimento científico, acadêmico.

Um dos sentidos é o de que a mulher só se realiza na maternidade. É preciso que tenha um filho. Para Freud a inveja, que a mulher sente do pênis é irredutível à análise. Não resolve o seu complexo edipiano jamais. Porque sente ódio pela mãe, a vê como uma rival e passa a vida desejando o pênis do pai ou seu substituto simbólico - o bebê.

Para Helene Deutsch - a mulher devém mulher quando consegue fazer de seu marido, seu filho.

Outras produções de sentido são: mulher de corpo castrado - alma castrada - santa para amar - prostituta para desejar. Sentidos que são construídos e geram efeitos no psiquismo feminino.

As mulheres que procuram novos ordenamentos, novas significações, que não seja as de cuidar dos filhos e dos trabalhos domésticos, muitas vezes são interpretadas como fáticas, mulheres-macho, lésbicas, levianas, sapatão ou são feias. Trabalham porque não têm o corpo como atrativo. Seduzem pela intelectualidade porque seu corpo é deformado, não está dentro das normas de beleza.

Nós mulheres psicanalistas, muitas vezes, quando questionamos o templo da Psicanálise, somos vistas como Rebeldes, destruidoras, fáticas e provocativas. Não podemos pensar porque o pensamento questionador faz o altar tremer.

É preciso revisar as verdades promulgadas e construir outras, novas, para ambos os gêneros, feminino e masculino. Digo gênero porque tem um substrato psíquico social, histórico, cultural.

Identidade sexual nos fala de fêmea e macho, e este tem um determinismo biológico que não é nosso objeto de estudo. Não é somente o devir mulher que devemos considerar, mas o devir sujeitos históricos temporais - dentro de um tempo e um espaço - abandonando o anônimo lugar de "mãe de fulano", "filha de ciclano", "mulher de fulano".

"A maternidade é a realização da mulher". Freud diz: A anatomia é o destino. Psicanálise integrada ao judeu-cristianismo.

Quando a mulher descobre a diferença sexual, ela descobre também as desigualdades sociais. A mãe, de um ser pleno, idealizado, onipotente, se transforma num ser inferiorizado, explorado, menos válido. Como a menina, na adolescência, irá se identificar com um ser-mulher subjulgado, subtraído, negado? Pergunta Emilce Bleichmar. Na clínica, esses horrores geram revoltas, desejos de vingança, fobias, depressões, hostilidades, angústia por não conseguirem nomear com clareza, tanta violência. Aliás vivemos num mundo de violência às mulheres. Assassinatos, mortes, suicídios, estupros.

É preciso expulsar, questionar o que fora inoculado e que tem trazido dor psíquica e criar desejos múltiplos, desmascarar as máscaras da feminilidade, agradecidas, bondosas, dóceis, servis e submissas. Gestar outros desejos que as constituam como sujeitos.

Tarefa árdua, ossos do ofício, de desconstrução e reconstrução histórica da subjetividade feminina - essa é nossa tarefa.

Ficamos atentos no modo em que determinadas representações culturais tem incidido sobre a configuração do aparato psíquico das mulheres, especialmente sobre os seus desejos.

Preocupação no modo como as mulheres adoecem e porque precisam adoecer? Emilce Bleichmar diz que antes de nos preocuparmos com a questão do incesto e das culpas incestuosas devemos nos ocupar com o problema da identidade feminina.

A OMS tem definido a Saúde Mental com um estado de bem-estar e não só como ausência de 'enfermidade'. Afirma que os fatores sociais incluem de modo determinante no equilíbrio psíquico, no bem-estar pessoal e na participação do indivíduo nos objetivos comunitários - fatores que constituem a essência da Saúde Mental.

A participação social é importante porque permite aos sujeitos sair de um lugar imaginário e real de submetimento a uma autoridade, sentida como onipotente, arbitrária.

Irigaray considera que os conteúdos do Inconsciente feminino tem sido interpretados por uma psicanálise limitado a uma economia e uma lógica do tipo patriarcal. A Psicanálise, diz, interroga muito pouco ou não interroga as suas determinações históricas. E então só pode responder sempre da mesma maneira à questão da sexualidade feminina.

Deleuze sustenta que uma teoria é como uma caixa de ferramentas. É preciso que sirva, que funcione. A teoria não se totaliza, se multiplica e multiplica.

Na evolução histórica da noção de subjetividade feminina, vários sentidos foram criados pelos homens. Foram eles que emitiram juízos de existência acerca das mulheres enquanto sujeitos. A tradição judaico-cristã institui um tipo particular de sujeito humano, à imagem e semelhança de um Deus masculino, com autoridade onipotente sobre quem considera seus bens, sua mulher, seus filhos, servos e animais.

Mulheres que exerciam atividades extra-domésticas, demonstrando capacidade cognitiva independente do homem, transmissoras de um saber prático e que faziam uso do sexo, além dos limites prescritos, eram tidas como bruxas e loucas.

Após a Revolução Industrial, a mulher se enclausura no lar, cuidando das tarefas, dos filhos, do privado - o íntimo dos vínculos afetivos. O isolamento doméstico propiciou a gestação de um Ideal Maternal, e ao mesmo tempo a repressão sexual.

Segundo Foucault, o gozo da sexualidade fica prescrito ao gozo da maternidade. Deixam de ser bruxas para serem sujeitos morais.

A enfermidade mental das mulheres ou são referidas a uma moral materna, ou às enfermidades do útero: a histeria será considerada a loucura feminina por excelência. São os homens que transitam pela medicina oficial que interpretam o acontecer do corpo feminino. Os homens nomeiam o que se passa dentro, são com os sacerdotes que dizem do que elas padecem, o que desejam, quem são.

E é nesse cenário histórico-social da psiquiatria relativa às mulheres que surge a Teoria Freudiana, e até os nossos dias, várias polêmicas têm sido criadas. E,

"Se vocês quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem sua própria experiência, dirijam-se aos poetas, ou então esperem que a ciência esteja em condições de fornecer informações mais aprofundadas e mais coordenadas". (Freud)

#### BIBLIOGRAFIA

. BURIN, Mabel. *Estudios Sobre la Subjetividad Feminina - Mujeres y Salud Mental*. Buenos Aires, Argentina: Grupo E Editor Latinoamericana, 1987.

. DIO, Emilce B. *O Feminismo Espontâneo da Histeria: Estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Trad. Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1988.

. FREUD, S. *Obras Completas*. Trad. resp. Jayme Salomão. Ed. Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

. RIVIERE, J. et. al. *Feminilidade como Mascara*. Barcelona: Tusquets Ed. 1979.

**Conferência proferida na I Semana de Núcleo de Estudos de Gênero da Mulher, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, no dia 20/01/93 por Heloisa Antônia Oliveira F. Nascimento**

# Com a palavra na boca

A arte muitas vezes responde com clareza as questões desconcertantes para a psicanálise, pois ela é a disponibilidade do desejo que transforma a fantasia em criação.

Como se Fellini, do alto de uma árvore, no lugar de amargor do seu louco, respondesse à pergunta de Lacan: "Che vuoi?" - "lo voglio una donna"\*

Na experiência do ser, a determinação da razão, o aprimoramento ao cògito, o enredamento às tramas do discurso, confirma a visão da mulher como aquela que tem alguma coisa que escapa ao discurso. Neste sentido o homem busca a mulher para delinear seu desejo.

A luminosidade do texto de Joyce quando descreve uma mulher, chega mesmo a identificá-la a uma epifania que é um pedaço do real, um clarão caído do céu e que não tem nenhuma relação lógica com o texto.

*"Ela está comprometida. Ela dança com eles na ronda - um vestido branco ligeiramente levantado enquanto dança, um enfeite branco em seu cabelo - os olhos um pouco desviados, um ligeiro brilho em sua face. Sua mão está por um momento na minha, a mais suave das mercadorias".*

O objeto proibido se agita diante dos olhos desejanter. Pontos de luz no corpo e nos cabelos, branco e branco, há brilho e há ritmo no momento que a aproxima e distancia, não vê o que causa, seu olhar está além. Vale muito e nem se dá conta da cobiça do olhar que a cinge.

Mas Freud vê com angústia o interior do corpo feminino mostrado por Irma em seu sonho. Perturbado, vê a extensão de sua incompetência que adoecia o corpo da mulher. Saliências e reentrâncias, a marca da diferença, ele as interpreta como processo infeccioso que sua agulha provocara ao penetrar (ou desejar penetrar) aquele corpo. Vê a falta com

a exata dimensão do seu desejo pelo objeto.

Quando se trata da mulher, a verdade não tem meias palavras, e por não poder dizê-la toda, o simbólico toma o aspecto de evanescência do real e se desenrola dentro do próprio corpo. A palavra está atada à boca, não há como distanciá-la em construções metafóricas. Platão traz no Banquete uma palavra de mulher para definir o amor. A palavra de Diotime, uma mulher que não se sabia se existia:

*"O amor é gestação e parturição do belo."*

Palavras que se dirigem ao que cresce e cria no corpo. Percorrem seu interior e trazem dele o som. E a observação só acontece pela insistência de Eros, que com sua malícia inventiva apaga da linguagem a formulação que se desvanece. Transforma amor em ódio, transferência em resistência. A palavra hesitante busca sinônimos no campo longínquo do abstrato. E não há que aflorar o recalcado porque sempre ligado a este elemento da transferência que a resistência evidencia, uma vez desperto irá se enraizar mais profundamente nas vinculações de origem.

A clínica nos coloca constantemente diante de tais impasses. Uma analista será, para o analisante, senhora de que saber?

O olhar e o olfato kleinianos não se separaram nunca do frescor sangrento das entranhas. Haverá neste olhar feminino alguma razão espúria que convoca a demanda de análise com a mulher? Mesmo que teoricamente não se possa distingui-los, homem e mulher, na sua função de analista?

As palavras sobre o feminino guardadas na boca sem desperdício ou desespero é o que Maria Gabriela Lhansol, não muito longe daqui, propõe a Lúcia Castelo Branco: "Vamos falar com calma, para que as palavras não voem de nossas bocas."

(\*) - "O que quer? Eu quero uma mulher"

**Belkiss Pandiá Guimarães**

Psicóloga do IPSEMG e psicanalista

